

JOSÉ OSWALD DE SOUZA ANDRADE

(OSWALD DE ANDRADE)

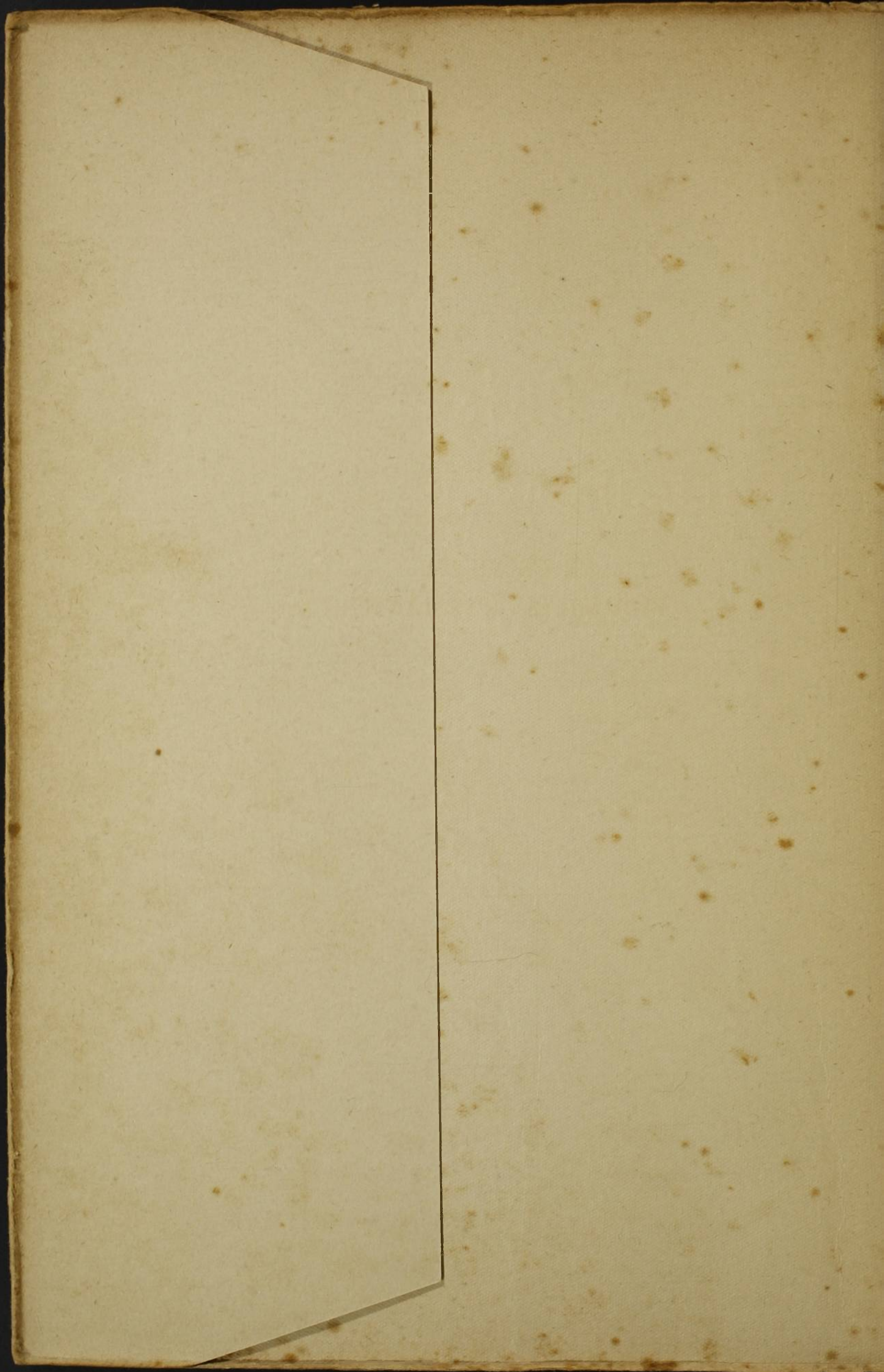
A CRÍSE DA
FILOSOFIA MESSIÂNICA

TESE

Para Concurso da Cadeira de Filosofia
da
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras
da
Universidade de S. Paulo

1950

SÃO PAULO



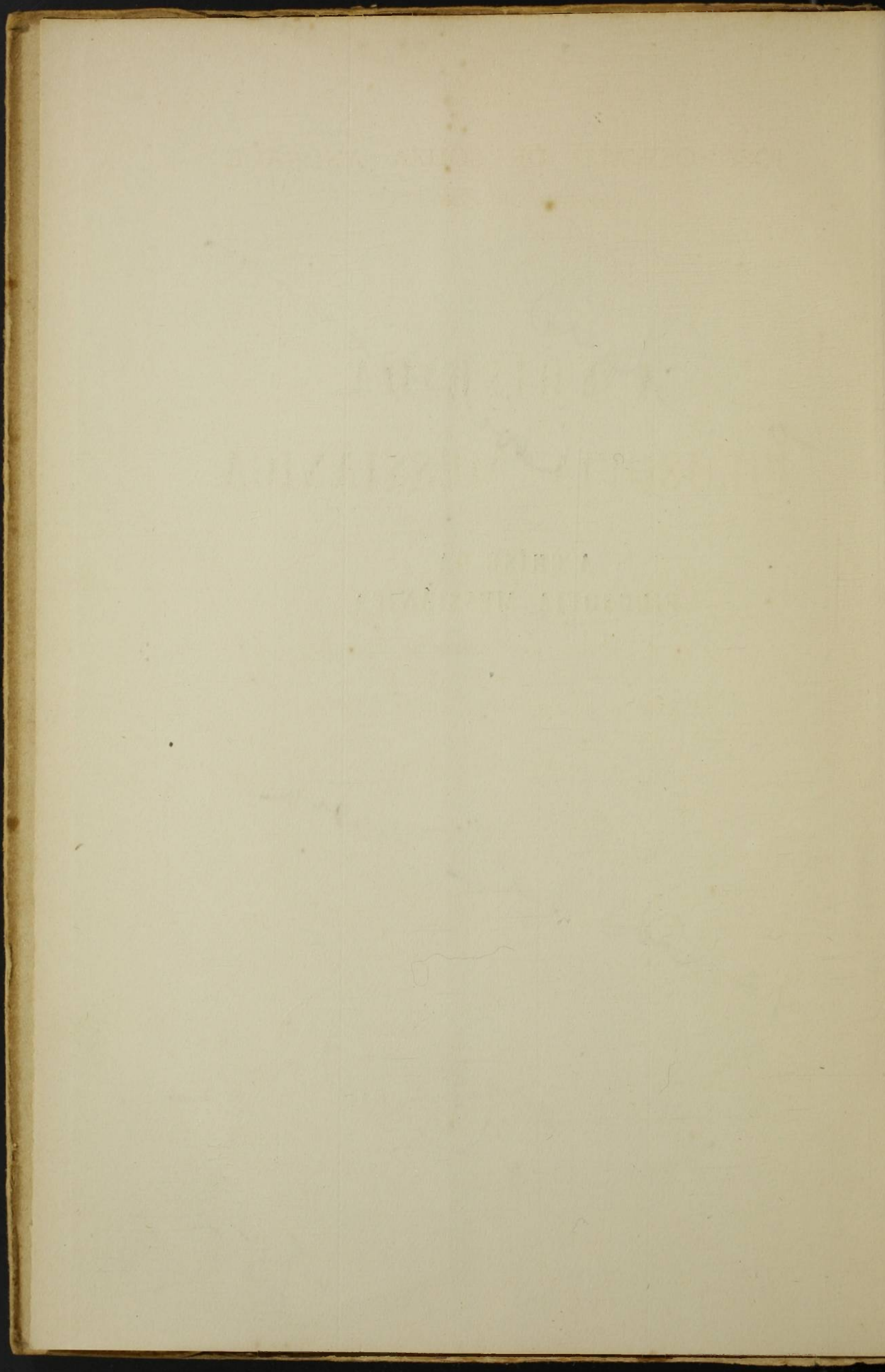
do Edgar
Cavallero

A CRÍSE DA
FILOSOFIA MESSIÂNICA

Revisão por
Cavallero

Cavallero

1952



JOSÉ OSWALD DE SOUZA ANDRADE
(OSWALD DE ANDRADE)

A CRÍSE DA
FILOSOFIA MESSIÂNICA

TESE

Para Concurso da Cadeira de Filosofia
da
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras
da
Universidade de S. Paulo

1950
SÃO PAULO

1000

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

LIBRARY

1900

PHYSICS

PHYSICS

PHYSICS

PHYSICS

PHYSICS

PHYSICS

PHYSICS

PHYSICS

A antropofagia ritual é assinalada por Homero entre os gregos e segundo a documentação do escritor argentino Blanco Villalta, foi encontrada na América entre os povos que haviam atingido uma elevada cultura — Aztecas, Maias, Incas. Na expressão de Colombo, *comiam los hombres*. Não o faziam porém, por gula ou por fome. Tratava-se de um rito que, encontrado também nas outras partes do globo, dá a idéia de exprimir um modo de pensar, uma visão do mundo, que caracterizou certa fase primitiva de toda a humanidade.

Considerada assim, como *weltanschauung*, mal se presta à interpretação materialista e imoral que dela fizeram os jesuitas e colonizadores. Antes pertence como ato religioso ao rico mundo espiritual do homem primitivo. Contrapõe-se em seu sentido harmônico e comunal, ao canibalismo que vem a ser a antropofagia por gula e também a antropofagia por fome, conhecida através da crônica das cidades sitiadas e dos viajantes perdidos.

A operação metafísica que se liga ao rito antropofágico é a da transformação do tabú em totem. Do valor oposto, ao valor favorável. A

vida é devoração pura. Nesse devorar que ameaça a cada minuto a existência humana, cabe ao homem totemisar o tabú. Que é o tabú senão o intocável, o limite? Enquanto na sua escala axiológica fundamental, o homem do Ocidente elevou as categorias do seu conhecimento até Deus, supremo bem, o primitivo instituiu a sua escala de valores até Deus, supremo mal. Há nisso uma radical oposição de conceitos que dá uma radical oposição de conduta.

E tudo se prende à existência de dois hemisférios culturais que dividiram a história em Matriarcado e Patriarcado. Aquêlé é o mundo do homem primitivo. Êste o do civilizado. Aquêlé produziu uma cultura antropofágica, êste uma cultura messiânica.

Chegamos ao momento das grandes interrogações. Se êste século, em sua primeira metade, foi um campo de experimentação da História, foi também um laboratório de hipóteses e de pesquisas. Devassou no espaço e no tempo, os segredos do universo atômico e do universo astral, percorreu as idades da crosta terrestre, classificou a evolução dos sêres e das culturas, restaurou desde as origens o pensamento humano na sua autenticidade, libertando-o das deformações interessadas que o desviavam para lutas confessionais. Fez mais. Humanizou a Filosofia. Sören Kirken-

gaard já havia conduzido para o subjetivo e para o quotidiano a emoção de sua dúvida. Karl Marx reduzira à contabilidade os vãos da metafísica alemã. E Frederico Nietzsche afirmou que o *habitat* dos grandes problemas é a rua. Na rua, na contabilidade e no dia útil, nesta metade de século, o homem trabalhou sobre o homem. E hoje, pode-se restaurar um velho brocardo da Idade-Media. — *Philosophia ancila theologiae*. Apenas o último termo mudou, introduzindo-se no vocabulário clássico, um barbarismo de boa hora — *Philosophia ancila sotiologiae*. (*)

A Filosofia nunca foi uma disciplina autônoma. Ou a favor da vida ou contra ela, iludindo os homens ou nêles acreditando, a Filosofia dependeu sempre das condições históricas e sociais em que se processou.

Eis a primeira afirmação da presente tese que coincide não somente com Karl Marx, mas com Kirkegaard e Frederico Nietzsche.

Outro pensador, o amargo Schopenhauer, trouxe para o debate intelectual de há cem anos, um elemento que fôra longamente dissimulado sob as roupagens da Religião e da Ética. Ele soube

(*) É uma triste impostura essa que procura isentar a filosofia crente de seus compromissos messianicos. São Tomaz que tanto trabalhou para isso, admitia, no entanto, o conhecimento através dos sentidos e não é pelos sentidos que Deus se revela. “As coisas sensíveis não podem conduzir nossa intelligencia a ver nelas o que é a substancia divina”. Só a revelação de fato decidia.

fixar o papel da vontade como elemento primordial da vida e, sem dúvida, foi daí que derivou o universo absconso de Segismundo Freud. É um elemento que está hoje profunda e definitivamente ligado à filosofia.

Há uma cronologia das idéias que se sobrepõe à cronologia das datas. O decálogo daria Kant, Maquiavel, Loyola e Lenine.

Essa linhagem é, na filosofia dos cimos, a linhagem que afirma que os fins justificam os meios, a que exige de seus adeptos, forçados ou não, a obediência inerte, a que, na existência dialética do espírito, estagna no segundo termo, a que constitue a negação do próprio ser humano. Porque enfim, é a seguinte a formulação essencial do homem como problema e como realidade:

- 1.º termo: tese — o homem natural
- 2.º termo: antítese — o homem civilizado
- 3.º termo: síntese — o homem natural tecnizado

Vivemos em estado de negatividade, eis o real. Vivemos no segundo termo dialético da nossa equação fundamental.

O exegeta de Hegel, Kojeve, afirma que o homem é inicialmente “natureza inata, ser natural de caracteres fixos, animal especificamente determinado que vive no seio da natureza, tendo aí seu lugar natural”. Eis o primeiro termo.

Comentando Kojeve, um pensador católico, R. Vancourt, elucida o segundo termo: “O homem não é homem senão pela sua negatividade, isto é, no quanto êle nega êsse dado, no quanto êle se nega a si mesmo como dado, enquanto, como natureza e liberdade, êle constitui precisamente essa negação do dado e assim se manifesta pelo trabalho e no trabalho”. Eis a antítese.

Kojeve, vindo ao segundo termo, também afirma: “O homem não existe por si, senão na medida onde implica em seu ser, na sua existência e na sua aparição, o elemento constitutivo da negatividade”.

Hans Kelsen, que não é só um mestre do Direito, mas um dos atuais representantes da Filosofia da Cultura, já esgotou o fenômeno do jus-naturalismo. Com êle, vemos imediatamente que a idéia de justiça, em tôdas as sociedades humanas, aparece como “natural”. É coisa natural o direito justo. E sendo justo passa a ser legal.

No mundo do homem primitivo que foi o Matriarcado, a sociedade não se dividia ainda em classes. O Matriarcado assentava sôbre uma tríplice base: o filho de direito materno, a propriedade comum do solo, o Estado sem classes ou seja, a ausência de Estado. Quando se instaurou o Estado de classes, como consequência da revolução patriarcal, uma classe se apoderara do poder e dirigia as outras. Passava então a ser legal o direito que defendia os interêsses dessa classe, cri-

ando-se uma oposição entre êsse Direito, o Direito Positivo e o Direito Natural. Sendo aquêle um direito legislado, exigia obediência. Estabeleceu-se então a organização coercitiva que é o Estado, personificação do legal.

Da validade do legal como legal, foi possível a transferência para o domínio do arbítrio de tôda emanção de Direito.

Passou a ser o Direito aquilo que negava pela coação, a própria natureza do homem. No longo desenvolvimento dêsse Direito que deu as leis do Patriarcado, o jusnaturalismo sempre reivindicou o seu papel de fonte natural e direta de justiça. Hoje, mais do que nunca, êle surge revigorado pela derrogação, lenta ou revolucionária das formas jurídicas patriarcais que são: o filho de direito paterno, a propriedade privada do solo e o Estado de classes.

A ruptura histórica com o mundo matriarcal produziu-se quando o homem deixou de devorar o homem para fazê-lo seu escravo. Frederico Engels assinala o fecundo progresso dialético que isso constituiu para a humanidade.

De fato, da servidão derivou a divisão do trabalho e a organização da sociedade em classes. Criou-se a técnica e a hierarquia social. E a história do homem, passou a ser, como disse Marx, a história da luta de classes.

Uma classe se sobrepôs a tôdas as outras. Foi a classe sacerdotal. A um mundo sem compromissos com Deus, sucedeu um mundo dependente de um Ser Supremo, distribuidor de recompensas e punições. Sem a idéia de uma vida futura, seria difícil ao homem suportar a sua condição de escravo. Daí a importância do messianismo na história do patriarcado.

Fora dêle, anterior a êle, ficou a reminiscência do sacerdote que defendia a própria função e com ela a vida, dia e noite, rodando em tórno de uma árvore, solitário e soturno, à espera do golpe fatal de seu sucessor que o espreitava.

Êsse símbolo do sacerdote ligado ao culto como à sua própria existência, que abre o folkllore de Frazer no "Ramo de Ouro", dá bem a imagem do condutor religioso da tribo, de cuja vigilância depende como a sua, a própria vida do grupo.

Estamos longe dêsse padre insone do lago de Nemi, quando vemos se desenvolver na história de tôdas as religiões, o Sacerdócio como sinecura sagrada, muitas vêzes confundido com a própria função da realeza. Os reis-padres sucedem-se na organização das primeiras sociedades e quando as duas funções se separam, a do mago que comanda o sobrenatural envolve a outra que de sua sanção passa a depender.

A história do sacerdócio caracteriza-se como fonte do que Frederico Nietzsche havia de cha-

mar a Moral de Escravos. Nos velhos livros religiosos, verifica-se uma coincidência de ordenações, princípios e máximas que poderiam constituir a Cartilha do Escravo Perfeito.

O sacerdote foi muitas vêzes o legislador, outras vêzes, através de augúrios e oráculos, presidiu a paz como ordenou a guerra.

Vitorioso e intocável no Egito, no Oriente, na Grécia e em Roma, testemunho e apanágio das civilizações mais cultas, o Sacerdócio teve um retôrno ao seu sentido nativo em Roma, nos primeiros tempos do Cristianismo. Aí ressurgem na figura esgazeada e contundente do naufrago Paulo, em Pedro crucificado de cabeça para baixo, nos Padres mártires da catacumba e do circo, a figura dramática do sacerdote de Nemi. Mas desde que Constantino pacifica a questão social romana, sancionando a servidão que se impunha com a falta de mão-de obra do latifúndio, o Papado se instala no berço de púrpura do Catolicismo e penetra na alta Idade Média enfrentando Átila e Genserico.

A renascença carolíngia daria a confirmação histórica do papel tutelar do sacerdócio. Nela se alicerça o Santo Império Romano e só mais tarde ante a decadência e a desmoralização da Roma papal é que o sacerdócio vê alinharem-se diante dêle, humildes umas, outras violentas e reformadoras, algumas figuras que o fazem estremecer. Francisco em Assís, Savonarola em Florença e fi-

nalmente o monge Martinho Lutero em Wittemberg, no coração da Alemanha.

Antes de chegarmos à crise do Sacerdócio ocidental culminada na Reforma luterana, vejamos a etimologia dessa palavra que acompanha e centraliza a história de todas as igrejas.

Sacerdócio quer dizer ócio consagrado aos deuses. O ócio não é esse pecado que farisàicamente se aponta como a mãe de todos os vícios. Ao contrário, Aristóteles atribui o progresso das ciências no Egito ao ócio concedido aos pesquisadores e aos homens de pensamento e de estudo. A palavra ócio em grego é *s x o lé*, donde se deriva escola. De modo que podemos facilmente distinguir dentro da sociedade antiga, os ociosos como os homens que escapavam ao trabalho manual para se dedicarem à especulação e às conquistas do espírito.

No fundo de tôdas as religiões como de tôdas as demagogias, está o ócio. O homem aceita o trabalho para conquistar o ócio. E hoje, quando pela técnica e pelo progresso social e político, atingimos a era em que, no dizer de Aristóteles “os fusos trabalham sòzinhos”, o homem deixa a sua condição de escravo e penetra de novo no limiar da Idade do Ócio. É um outro Matriarcado que se anuncia.

Tôdas as técnicas sociais, a legislação como a política, a ofelimidade como a infortunistica, reduzem o trabalho, o organizam e compensam sô-

bre bases sanitárias e palinódicas. É a partilha do ócio a que todo homem nascido de mulher tem direito. E o ideal comum passa a ser a aposentadoria, que é a metafísica do ócio.

No mundo supertecnizado que se anuncia, quando caírem as barreiras finais do Patriarcado, o homem poderá cevar a sua preguiça inata, mãe da fantasia, da invenção e do amor. E restituir a si mesmo, no fim do seu longo estado de negatividade, na síntese enfim, da técnica que é civilização e da vida natural que é cultura, o seu instinto lúdico. Sôbre o Faber, o Viator e o Sapiens, prevalecerá então o Homo Ludens. À espera serena da devoração do planeta pelo imperativo do seu destino cósmico.

O Cristianismo surgiu em meio da maior concentração proletária da antiguidade — Roma. Há nos Evangelhos um curioso dirigismo que faz construir êles sinòticamente, muito além da Moral de Escravos, oriental ou socrática, um código de bem viver no trabalho e para o trabalho. Cristo é o primeiro deus trabalhador. Longe do faquirismo asceta de Buda, além dos *divertissements* olímpicos, Jesus Cristo, filho do carpinteiro de Nazaré, êle mesmo aprendiz carpinteiro, fundamenta o prodígio mecânico e cria o milagre sanitário. É um deus de sindicato. Anda sôbre as águas com São Pedro atrás. Faz-se transportar pelo demônio

para o cimo de uma montanha, donde avista o mundo sem binóculo. Transfigura a água em vinho, multiplica os pães. Ressuscita Lázaro. Cria a pesca maravilhosa.

As contradições matriarcais que fulgem em Matheus, Marcos e Lucas, os lírios inativos que não tecem e se vestem, a antropofagia eucarística e a Anunciação que faz do Cristo um filho de Direito materno e um filho do Tótem, apenas confirmam o temário do Patriarcado e de suas formas de servidão que é o texto dos evangelhos. Roma foi na oficina e na guerra social, a síntese do arbítrio judaico, do motôr imóvel de Aristóteles e da experiência mística alexandrina. Sem Roma, Cristo não teria ocupado por vinte séculos os cimos messiânicos do Patriarcado. Sem Paulo, o escravo não teria pleiteado a dignidade individual em Cristo que foi a longínqua semente da revolução burguesa. Paulo permanece o seu patrono e o seu guia.

Antes de continuar a história do homem vestido, vejamos por um instante o que é o homem.

O Evolucionismo de Darwin, se bem que forme na base do conhecimento biológico atual, deixou brecha aberta a outras divagações e pesquisas sobre a origem das espécies.

Uma intervenção espetacular no campo do Evolucionismo, veio constituir a de Edgard Dac-

qué, cujo valor cultural enciclopédico se enriquece de uma imaginação poética sem par. Segundo as suas concepções, não é difícil chegar-se à teoria do homem pré-estelar. Coincidência curiosa com a tese da célula hereditária, da matéria sutil e eterna de Mendel e outros biólogos atuais.

Dêsse modo, no correr das transformações dos seres, o homem teria sido molusco, peixe, sáurio, ave e mamífero. E dêle teriam derivado como colaterais, os tipos fixados dessas espécies.

Que teria acontecido no seio do oligoceno ao sol novo prenunciador do quaternário, quando o homem já tendo assumido a dignidade do erecto, na forma do primata, assistiu à morte dos grandes mamíferos, às transformações gigantescas da flora e á repartição diluvial dos continentes e dos mares? Aí, por adaptações lamarckianas, ter-se-iam repartido os colaterais já em alta evolução, em hominídios, fósseis improdutivos, larvas coiteiras de formas perdidas e êle então, o antropopitéco, teria instalado o Reino do Macaco por tôda a extensão viável de sua marcha em busca de fixação. Seria a promiscuidade heteróclita, onde se podia colocar o aparecimento do homúnculo de Bolk. Êste sábio anatomista holandês, proclama que o homem é a fetalização do macaco. E nada impede que se adapte ao folhetim da vida que submete a matéria criadora de Paracelso às aventuras estruturais de Daqué, êsse “feto do macaco” que teria enfim, realizado no *homo sapiens* o seu

fim de linha, pois não é evolução e sim regressão. Não por ser o feto de Bolk, mas o simples produto do cruzamento de uma espécie superior — o antropopiteco — com as larvas hominídias onde se acentuariam as marcações de cada arcano ancestral. E o homem de cara íctia, como o homem-ave e o batráquio — seriam a réplica dos seus arquetipos perdidos na fixação dos colaterais de Daqué. Ter-se-ia portanto, assistido por tôda a terra habitável, a um funambulêscio Reino do Macaco. Na promiscuidade estabelecida entre o antropopiteco e essas sombras sexuais da espécie humana, qual seria o enxerto, qual o cavalo?

Se conservamos, numa marcada biotipologia, os traços da evolução de Daqué, é certo que numa confirmação paralela, há muito de humano em cada espécie animal. O papagaio fala, a abelha se organiza em sociedade obreira como a termite, o pavão confirma Freud, a formiga economisa e o tangará dança.

O correr dos milênios teria intensificado a miscigenação do *homo viator*, através das migrações, das guerras, dos êxodos e das conquistas. As raças confinadas no seu mimetismo, côm de deserto, côm de pólo, côm de queimadura solar, longamente se mestiçaram. De modo, que hoje aparece menos característico ou menos acentuado, o tipo originário das espécies de que derivamos. E a constante conflitual que tantas vêzes revela no homem o animal alérgico, o animal idiosincrásico,

ter-se-ia atenuado ao longo da História, tornando viável e possível o entendimento entre indivíduos e povos, tantas vêzes desmentido e tantas vêzes de novo sonhado.

Campo para polêmica e para pesquisa fica o romance biológico que desenvolvemos da teoria de Dacqué, juntando-se agora à de Bolk, não menos surpreendente e fabuloso, do que foi “A Origem das Espécies” de Darwin, no seu início. Poder-se-á talvez, fixar através da iconografia histórica, das artes e mesmo da fotografia, quanto o homem de certa época ou de certa civilização e até quando, reproduziu a sua origem felina, íctia ou porcina. Não é inoportuno criar-se uma Dacquéana e levá-la às suas últimas consequências antropológicas e culturais. Seria aceitar o ponto de vista do primitivo que se identificava com o totem.

A promiscuidade originária é um fato. Sòmente a deformação interessada e o espírito confessional poderiam dar na atualidade um exemplo como o de Westermarck que não pode alegar ignorância dos problemas em que é especializado. Ficou não como obtuso sectarismo, mas como piada a afirmação do sisudo professor da Universidade de Londres, de que a monogamia é uma tara legada ao homem pelo macaco. Sem partilhar do evolucionismo polêmico de Lewis Morgan, a ciência antropológica moderna não nega a fase que

sem dúvida presidiu às relações sexuais dos primeiros agrupamentos humanos. As pesquisas de Bachofen nesse campo longínquo da Sociologia, deram a identificação do Matriarcado. Não havendo o pai, o parentesco só podia subsistir pela consaguinidade materna.

Uma curiosa lenda japonêsa sugere o que se teria passado nesse perdido período da evolução.

O Imperador da China, em busca do Elixir da Longa Vida, enviara às ilhas japonêsas um navio capitaneado por sua filha “a princesa Esplendor da Aurora”. Batendo num rochedo, o navio naufragou, atirando à costa a princesa e suas áias que foram encontrar a terra habitada por terríveis antropóides, cujo chefe era o Macaco Sarú. Da promiscuidade resultante derivaram os japonêses que até hoje guardam traços psico-somáticos dêsse estranho cruzamento: agilidade, membros superiores longos, vegetarianismo, fraca visão, infantilismo, espírito de imitação, sentido de grupo.

A deusa Amaterasú, em que se transformou a princesa Esplendor da Aurora, deu aos japonêses a fixação materna de sua origem. São filhos da Redentora de sua primitiva natureza animal.

Além do Matriarcado que aí se documenta, temos na seqüência dêsse achado folclórico, uma versão do Complexo de Édipo, se bem que parcial,

mais forte que a deduzida por Freud da mítica grega. Os frutos resultantes da promiscuidade entre chinesas e macacos, no acordar da sua primeira consciência, sentiram-se horrorizados e querendo lançar um abismo entre a expressão humana adquirida e a sua origem animal, mataram o pai tribal que era o Macaco Sarú.

A deificação do Macaco Sarú, numa interpretação evemerista, teria dado origem ao culto aos mortos. O morto sempre foi objeto duma transfiguração tutelar, isto é, apaziguador do sentimento de culpa. Mesmo hoje, a família humana, poderosa ou modesta, não esquece a tradição do antepassado purificado pela morte. Não há diferença fundamental entre a mítica doméstica de hoje, com sua anedótica sentimental e iconográfica, e o sentimento que fazia Cícero exclamar: “Bons ou máus, tornavam-se todos com a morte, deuses subterrâneos e tutelares”. É mesmo de notar como nas classes desfavorecidas da sociedade atual, cresce um sentimento de recuperação heráldica, que poderíamos chamar de “Complexo do Antepassado”.

O culto aos mortos não implica necessariamente uma idéia do Além. O homem arcáico acreditava na sobrevivência local do morto sob a terra em que jazia. “Os ritos da sepultura, afirma Fustel de Coulanges, mostram claramente que

quando se dava sepultura a um corpo, acreditava-se enterrar ali, qualquer coisa de vivo". Vergílio dizia: "Fechamos a alma no túmulo" e é da "Ilíada" a expressão: "Que a terra te seja leve!"

Não é só no Egito que produziu a técnica da sobrevivência na mumificação, nem é só nas tribos primitivas da América e da Austrália, que se encontra essa concepção de que o morto persiste no local em que está enterrado. Grécia e Roma o praticaram. Thucídides, Solon e Luciano de Samosata, atestam o antigo hábito de deixar junto ao desaparecido as suas vestimentas e levar-lhe presentes e dádivas. Suetônio narra que junto aos restos de César foram colocadas vestes, armas e jóias. No túmulo permaneciam corpo e alma sem recompensas nem suplícios. Eurípedes fazia Efigênia exclamar: "Derramo sôbre a terra do túmulo o leite, o mel e o vinho, porque isso agrada aos mortos".

A idéia de Juízo Final é de origem persa. Pertence à mitologia mazdaísta. E de Zaratus-tra ao Miguelangiolo da Sixtina, ela é a base escatológica do Messianismo. Com ela toma corpo o sacerdócio e fixa um dos seus argumentos confessionais, o Patriarcado. No Matriarcado toma caráter benfazejo e totêmico o culto aos mortos.

Devem-se a Bachofen, vulgarizado por Nietzsche, as primeiras pesquisas sôbre o Matriarca-

do. Como já afirmamos, a cultura humana se dividiria em dois hemisférios — Matriarcado e Patriarcado.

Deriva o filho de Direito Materno do fato de que o primitivo não ligava o amor ao ato da geração. O amor é por excelência o ato individual, e seu fruto pertence à tribo.

Será preciso criar uma Errática, uma ciência do vestígio errático, para se reconstituir essa vaga Idade de Ouro, onde fulge o tema central do Matriarcado.

Do macaco monogâmico de Westermarck à Cidade Antiga de Fustel de Coulanges e ao matrimônio como sacramento, têm variado as justificações da união indissolúvel, sem que por exemplo, passasse pela cabeça daquele sociólogo e dêsse historiador, ambos mestres da ciência patriarcal, que pudesse ter havido qualquer organização familiar fora da jurisdição do *pater familias*. Para êles, o mundo começa com uma unidade de servidão e de culto, cujo modelo é fornecido pela gente romana e por seu direito assim conceituado: *Pater est quem nuptiae demonstrant*. Nesta fórmula está a chave do patriarcado que importa na conservação da herança paterna e na conseqüente acumulação da riqueza em mãos de um grupo e portanto, de uma classe. Luthero e Melanchton confirmaram êsse ponto de vista, admitindo até a poligamia, contanto que não se dissolvesse o vínculo matrimonial que produz a herança.

O volume recente de Claude Levy-Strauss sobre as estruturas do parentesco exgota o assunto. No entanto, o antigo professor da Universidade de São Paulo, atinge apenas as recuadas fronteiras do Patriarcado. Assim, inicia êle o seu volume estudando o fenómeno primitivo da retribuição. E na retribuição, a mulher como dádiva. Trata-se, portanto, de um estado adiantado de escravidão patriarcal que êle focaliza, no qual a mulher é considerada um simples objeto. Só uma paleontologia social possibilitaria a restauração e o estudo das estruturas matriarcais desaparecidas.

É a Grécia que fornece o testemunho decisivo dessa cultura em que todos eram iguais, possuíam as coisas em comum e não havia o domínio do homem sobre o homem. O melhor vestígio da idade sem senhores nem escravos é dado pela República de Platão. Dela seriam banidas a opulência e a pobreza e tôdas as classes se igualariam. “Não tivemos em mira a felicidade de certa classe particular de cidadãos”. Sobre a comunhão das mulheres e dos filhos eis a decisão: “As mulheres de nossos guerreiros serão comuns a todos, nenhuma delas habitará em particular com algum dêles; também os filhos serão comuns, nem os pais conhecerão os filhos, nem êstes a seus pais”.

No entanto, o texto que assinala a passagem para o Direito Paterno e portanto, que se coloca

na aurora do Patriarcado, é da Oréstia de Éschilo. Bachofen a êle fêz a primeira referênciã.

O matricida Orestes, perseguido pelas Erínias, fúrias vingadoras do Direito Materno, procura acoitar-se junto à Minerva, que faz de seu crime um julgamento sensacional. O voto de Minerva decide pelo Direito Novo. Orestes é absolvido e as Erínias convencidas da sua inutilidade, sujeitam-se às leis do Estado nascente cujos fundamentos estão na herança paterna e em suas reivindicações.

O climax do Patriarcado é dado pelo Hamlet, de Shakespeare. Aí estrondam alto a vindita e o ressentimento do Príncipe, contra a mãe adúltera. Vê-se como se delineiam diferentemente os caminhos da vida no Matriarcado e no Patriarcado. Nas primeiras tribos humanas, desligado o ato da geração do ato do amor, não é possível drama algum ante os direitos da mulher à sua existência amorosa. Nos caminhos do Patriarcado, o destino trágico do Príncipe Hamlet que é o mesmo de Orestes, se repete por milênios. Da Electra de Sófocles à Electra de O' Neill, passando por Eurípedes, Racine, Goethe e Ibsen, é sempre o drama da inconformação dos filhos, ante a constante libertária dos pais amorosos. É o drama da herança e da propriedade privada.

Hoje, na crise messiânica que se assinala de todo lado, caiu o climax paternalista. É um filósofo quem oferece a medida dessa revolução nova

de leis e de costumes, Jean Paul Sartre. Em “Les Mouches” glosa o tema da Oréstia. Mas de ângulo diverso. Para o Orestes de Sartre, os remorsos são môscas. E pela primeira vez, na literatura, toma um aspecto bufo a reivindicação do vingador dos direitos paternos.

Werner Jaeger no terceiro volume da *Paidéia*, onde desenvolve o t ema da cultura aristocrática na Grécia, afirma que: “A paid ia dos gregos e a sua teologia filosófica foram as duas formas fundamentais, através das quais o helenismo influenciou na História Universal”.

Não   sem d vida uma coincidência essa que faz que no século VIII a. c., quando aponta a poesia grega, Hesiodo venha a ser o autor de uma teogonia e ao mesmo tempo o cantor do trabalho. V se que, no desenvolvimento do Patriarcado, liga-se a servidão ao céu.   sem d vida, o primeiro documento messiânico na Grécia, essa teologia galante mas profunda, do poeta dos “Trabalhos e os dias” que começa com a seguinte apóstrofe das Musas: “Pastores largados pelos campos, opr brios da terra, que sois s mente ventres, nós sabemos contar mentiras idênticas às coisas reais, mas quando queremos, sabemos também proclamar a verdade”.

Belo começo em que se sit ia imediatamente o homem na condi o de besta diante do Olimpo.

E ande direitinho. “Vái! Lembra-te sempre do meu conselho, trabalha!” Eis a base da teologia patriarcal.

Em Hesíodo já existe todo um código da servidão como aliás a teoria messiânica do pecado original e de seu resgate pela graça. “A raça dos homens vivia antes na terra, ao abrigo das penas da dura labuta e das doenças dolorosas que trazem a morte aos homens”. “Não há nenhum meio de escapar aos desígnios de Júpiter”. Só êste: “com seu vasto olhar concede a prosperidade”.

Na Gênese, Eva é a culpada, na Grécia homérica é Pandora que dispersou sôbre o mundo todos os males saídos de sua concha.

Nas duas versões, na bíblica como na helênica, ambas patriarcais, a Idade de Ouro, que mais tarde Ovídio cantaria, refulge na saudade do homem reduzido a escravo pelo Patriarcado.

Ao milenário comício da Servidão, devia comparecer, empoeirado e hirsuto, Sócrates na ênfase trágica da consciência grega, depois da derrota do Peloponeso. Êle é um compêndio de atenções para com as classes poderosas. Eis o que afirma, no Banquete: “Tudo é belo se se faz conforme as regras da honestidade, feio se se faz contra essas regras. O mesmo sucede com o amor. Todo o amôr em geral, não é belo nem louvável, se não é honesto. O amor da Venus popular é popular

também é sòmente inspira ações baixas; é o amor que reina entre o *comum das gentes*, que amam sem eleição, tanto as mulheres como os mancebos, dando preferênciã ao corpo sôbre a alma”.

Não podia falar melhor o Patriarcado com seu ódio de classe, com seu desprêzo insultuoso pelo povo, pelo “comum das gentes”. Em seguida pleiteia o pai da filosofia grega: “Devia haver uma lei que proibisse amar os garotos jovens demais, a fim de não se perder tempo com coisa tão incerta”. O que é necessário, acrescenta, é criar, através da pederastia, amizades e relações vigorosas.

A figura de Sócrates, como se vê, posta ao lado da figura de Cristo, contrasta como moralidade comum. Ninguém mais do que nós adota o ponto de vista libertário em matéria de amor, onde o homem se move entre o telúrico e o ctônico. Mas essa pública narcisidade da inversão sexual repugna a qualquer consciência normal de qualquer sociedade. Um autor atual, o Padre Festugiére descreve assim os educandos de Sócrates: “Como se sabe o perfeito cidadão deve começar pelo perfeito adolescente: no ginásio nada de imodéstia. À mesa, êle não se serve dos melhores pedaços, não ri alto, não cruza as pernas. Evita a Ágora, as dançarinas e os banhos públicos. Levanta-se diante dos velhos, responde com polidez a seus pais. Cora fàcilmente. É vivo e tímido ao mesmo tempo”.

Eis a juventude gideana criada por Sócrates, a que se reduz na decadência, a Grécia homérica e dionisiaca a Grécia de Éschilo de Heráclito, de Empédocles e de Sófocles. À Grécia de Monsieur de Charlus.

Nietzsche, com a bravura do seu gênio, não fustigou suficientemente êste puritano fescenino das ruas empoeiradas da Atênas do V século. Mas soube perfeitamente vê-lo segundo Jáeger como o responsável pela “petrificação intelectualista da filosofia escolástica que encadeou a humanidade por meio milênio e cujo últimos brôtos se encontraram nos sistemas teologuisantes do chamado idealismo alemão”.

Bem antes de Tolstoi, Socrates é o animador da censura, é o patrono da literatura dirigida. Nas suas mãos morrem poesia e arte na Grécia. É com o mais rídículo dos sérios que êle afirma que “os poetas e os fabulistas se enganam a respeito dos homens nos assuntos de máxima importância, quando declaram que em regra geral os máus são felizes e os bons desditosos; que a injustiça é útil, contanto que oculta; que ao contrário, a justiça é útil e proveitosa a todos, mas um mal para quem a pratica”. Pretende êle no estado ideal que funda, proibir aos poetas que assim falam, ordenando-lhes que de futuro digam precisamente o contrário. Funciona aí o primeiro DIP.

O que Nietzsche diz sôbre a filosofia alemã que não passa de uma “teologia astuta”, é confir-

mado pela volta a Sócrates que se denuncia na chamada “filosofia dos valores”. Scheller derrogou Nietzsche, afirmou-me um pensador alemão.

De fato está de pé o que seria “eterno no homem”. “Deus e os gênios são por natureza incapazes de mentir.” Fábrica êle aí o Senhor Onipotente que, durante mais de dois milênios, vai sancionar os abusos de fôrça e afagar as injustiças de classe. Está criada a autoridade sacerdotal e com ela o pedestal de todo conservantismo, de todo anti-progresso, de todo farisaísmo social e político.

De Sócrates sai o esquema do perfeito boneco humano, longamente exaltado pelas classes dominadoras, a fim de se conservar, domado e satisfeito, o escravo. É o “piedoso”, o “justo”, o “contínente”, o “prudente”. Nêle refulgem as virtudes do rebanho, como definiu Frederico Nietzsche. Nêle reside o fundo catequista de tôdas as covardias sociais e humanas.

Se no *Sturm und Drang*, Hölderlin, viu no mito de Diotima, uma mágica aparição poética, o que Sócrates realmente tira dessa mulher de Mantinéa é uma lição interessada em tórno dos temas idealistas de Platão. Assim, o único mérito desta vida é a contemplação da beleza absoluta. E daí um passo mais, surge “a beleza divina” e daí como final, a contrafação de que a verdadeira virtude é ser amado por Deus. Enquanto faz assim a exaltação do espírito servil, agradável a todo ti-

rano, por baixo e por cima da mesa do Banquete, Sócrates se deixa disputar pela bolina de Agaton e de Alcebíades, numa cena digna do romancista americano Henry Miller.

A tragédia política da Grécia, a queda do seu esplendor homérico, traria o triste teatro de tese dos *Diálogos*, teatro dirigido e formalista, ao qual o pior Cristianismo até hoje se amarrou como a uma bóia salvadora.

Se em Platão, subsiste uma ou outra invenção lírica, aquele navio-oráculo de cuja chegada depende a execução de Sócrates, e nêle se guarda o tesouro errático do Matriarcado grego — sòmente a inversão interessada do sentido da existência, feita pelas classes dominantes, traria até o fogo purificador de Frederico Nietzsche, sem exame e sem crítica, o compêndio central do espírito de Servidão que são os ensinamentos sócráticos. Nêles o Patriarcado constrói a sua sofisticada triunfal. Nêles se insere o segundo termo da nossa equação chave, a antítese, o espírito de negatividade do próprio homem.

Precisamos atentar em tudo que precedeu e marcou tanto a vida como a morte de Sócrates, para se ter o exato sentido da sua atuação reacionária e da sua militante impostura patriarcalista.

Êle se coloca exatamente no pórtico daqueles tempos novos anunciados por Minerva, no final

da Oréstia. É tóda a transformação de um clima. A Grécia que possuía uma unidade homérica se esfacela na guerra do Peloponeso, auge das suas atribulações internas. A Grécia dionisiaca que produziu, na medida clássica do V século, a sua ordenação plástica e lírica, decái nas dissensões entre os aristocratas e o povo. A Grécia fôra o mar e portanto, o comércio, daí ter surgido nela a indústria e o proletariado urbano. E consequentemente as primeiras experiências da questão social. Sócrates é a oposição a tóda medida euforia que os gregos guardavam de sua alta antiguidade. Contra o politeísmo, êle lança o Deus único. Contra o sentido precário da vida de Heráclito, êle lança a imortalidade da alma. Contra a visão conflitual do mundo de Empédocles, lança a imutabilidade do Bem.

O que redime Sócrates é a sua alta sinceridade. Com o monstruoso acúmulo de injunções escravajistas que dá ao mundo clássico, aberto sobre o apogeu de Roma, êle oferece a sua própria vida. Mais do que no seu processo e na cícuta final, Sócrates reside no episódio do julgamento dos comandantes navais que não tinham tido tempo de enterrar os mortos da batalha das Argenu-sas. Membro do Conselho, êle vota contra os velhos ritos e os velhos costumes. Sua atitude, frente à Grécia arcáica, é de fato revolucionária. E como foi um progresso a escravidão que tirou o homem do seu estado primitivo, também a teologia

socrática constitui um passo à frente no caminho das conquistas da civilização. O messianismo que brota de suas convicções imortalistas e que depois a figura do Cristo centralizaria, vem dar alimento interior às populações proletárias que iniciam nas bordas do Egeu, a marcha técnica do homem. O sobrenatural não está longe do milagre físico que a técnica cria.

Quanto à decisão em aceitar a cicuta, ela se reveste de caracteres suspeitos quanto à sua pureza. Na apologia que dêle faz Xenofonte, eis as suas palavras textuais: “Sei bem que terei que pagar o meu tributo à velhice; a minha vista se debilitará, ouvirei mal, diminuirá a minha inteligência e esquecerei mais facilmente do que aprenderei. Se a perda das minhas faculdades me tornar desagradável a mim mesmo, que prazer poderei encontrar na vida?”

É nesse estado de autocrítica que lhe oferecem a glória da imolação. De outro lado, está a fuga que alguns amigos preparam. Uma fuga inútil, fora de qualquer militância, a fuga não para conservá-lo na luta que não existe, mas apenas, para lhe poupar a vida. E que vida? Essa vida precária de setenta anos surdos e cegos. Na ilegalidade e na miséria sob a perseguição e o clamor público. Quando não, ao lado de Xantipa “a mais insuportável de tôdas as mulheres passadas, presentes e futuras”, no testemunho de Xenofonte.

Sócrates representa a perda do caráter ludico no homem evoluido. Para suportar a morte prega a idéia salvacionista da sobrevivência.

Todo o Fedon não passa de um terrível drama íntimo. Com o seu complexo de parteira, herdado da Maiêutica materna, Sócrates desenvolve um terrível monólogo para se convencer mais que aos outros, da existência da alma imortal. Assim passa a cicuta a ser a chave da sobrevivência no mundo do ócio que lhe fôra sempre negado, a êle pobre desmobilizado do Peloponeso e parasita perene das casas ricas de Atenas.

A cartilha do resignado desenvolve-se completa nessa hora agônica. A vida mesmo má deve ser suportada até que Deus nos envie uma ordem formal. Só um mentecapto pode pensar em fugir de seu amo a qualquer preço. O sábio deve permanecer sob a dependência do que é melhor do que êle. Os deuses cuidam de nós que a êles pertencemos. São os melhores governadores do mundo. A adulagem continua. Assegura que vai encontrar deuses de primeira ordem. Pois há alguma coisa reservada para depois desta vida, onde os bons serão melhor tratados do que os maus. Deve o filósofo morrer na esperança de que gozará depois da morte bens infinitos. O corpo é uma corrupção. O que interessa é a alma. Livres da loucura do corpo, só assim conheceremos a verdade.

O inferno aparece. Quem fôr aos infernos sem estar iniciado e purificado será precipitado na lama. Mas êle pertence ao número dos eleitos, confia na vontade de Deus. A alma existia antes de nascermos, quando tínhamos conhecimentos que perdemos. Esboça-se aí a doutrina da reminiscência.

Os que sempre exerceram a temperança e a justiça vão para um logar agradável e por isso êle não julga uma desgraça a situação de condenado à morte em que se encontra. Não é dos que confundem o primeiro princípio com os que dêle derivam. Com a morte, o que há de mortal no homem perece, o que há de imortal se retira para ser julgado e receber o bem ou o mal que mereceu. Desde que tenha bebido a cicuta, irá gozar a felicidade dos bemaventurados. E se fêz êsse longo discurso, não foi só para consôlo dos amigos, foi também para seu próprio consôlo.

Sócrates exprimira a mudança de espírito produzida pelo esfacelamento do mundo grego. Sua pregação é um apronto para a cultura escrava que se vai aperfeiçoar em Roma nas artes competidoras da guerra como nas artes mecânicas da paz. Os trabalhos de engenharia da antiguidade tinham tido uma base empírica. Agora, na arte do diálogo, que Platão assinala como o dom socrático por excelência, vem tôda a pedagogia. Um

passo mais e Aristóteles lançará as bases da lógica clássica. Sem ela, não teria havido a ciência.

É um dos sábios modernos, Alfred Whitehead quem assinala a importância do conceito de um mundo lógico, ordenado por um ente supremo para o progresso da Física. Que era afinal a Mecânica senão o aproveitamento lógico das forças da natureza? Primitiva, caótica e desordenada, numa civilização sem relógio, a técnica só podia ser eficiente apoiada no braço escravo. O escravo só podia existir na condição miserável a que estava reduzido, com a esperança messiânica da outra vida. Daí o êxito do Cristianismo no desenvolvimento proletário de Roma. Alimenta-se êle da depressão espiritual do trabalhador.

No apóstolo Paulo, ergue-se a monogamia como um instituto agressivo do Patriarcado, frente ao grupo sexual da Idade de Ouro matriarcal. Estamos no primeiro apogeu da negatividade ou da antítese, o segundo termo de Kojève.

Encarece-se o papel da monogamia reivindicada para o escravo como esteio da dignidade humana. Mas por detraz dessa revolução contra a gens, insinua-se a ascese, a pregação da castidade e do celibato.

A revolução pauliniana de um lado é a semente da própria revolução burguesa que dormitaria sob as invasões e os enxertos raciais e étni-

cos da Idade Média, para germinar no humanismo renascentista. De outro é o apostolado agreste do Cristo que vem confirmar a lei patriarcal. Revolucionária é a idéia da igualdade de todos em Cristo, isto é, sob uma bandeira que transcende as fronteiras imperiais de Roma. “Não há agora nem Judeu nem Gentio, nem escravo nem livre, nem homem nem mulher, mas vós sois todos um em Jesus Cristo”, diz a Epístola aos Galatas. Revolucionária torna-se a posição do escravo monogâmico, detentor individual da dignidade humana. Da mesma Epístola aos Galatas é aquela afirmação: “O homem não é justificado pelas obras da lei mas pela fé”, que através de Agostinho daria a apologia do arbítrio em Lutero e o — consequente “estado de graça” do burguês que prospera no comércio ou no roubo. Estão aí delineadas dialéticamente as etapas da cultura patriarcal.

Não se pode esquecer que Aristóteles foi áulico de Felipe da Macedônia e preceptor de Alexandre, o Grande. Jaeger assinala as “suas relações pedagógicas com o futuro dominador do mundo”.

Mas é um contemporâneo, Hans Kelsen, quem analisa a posição interessada do Stagirita. “A teoria metafísica do Ser que pretende ser uma ontologia, constitui na realidade uma axiologia, uma teoria do valor absoluto e portanto, uma teologia,

pois a perfeição ou bondade corresponde à essência do real e por isso, todo real é em certo gráo bom; isto verifica-se com especial acuidade nestas palavras: “o Sêr não podia ser mal administrado. A salvação não está no comando de muitos, um só domine!”

É êste o texto da Iliada que Kelsen reproduz de Aristóteles sem dizer que êste o copiava de Homero. Texto chave confessional do Stagirita. Não se pode esquecer que Homero era o cantor da *Aretê*, isto é, da virtude helênica de que fazia a exaltação em seus versos.

Concluí muito bem Kelsen que no “Ser como tal”, fundamento da ontologia aristotélica, está inclusa a idéia duma monarquia absoluta. Daí ter a sua decorrente teologia um marcado caráter monoteísta.

Êste monoteísmo, porém, vinha de longe, do fundo das velhas fés absolutistas. E tinha uma finalidade, a obediência do homem escravo ao senhor da terra que era o espêlho do Senhor do céu.

De uma edição de textos religiosos, coligidos por Frost, reproduzimos os trechos comparados das diversas confissões do mundo antigo, no capítulo “Obediência”. Ei-los:

Do Budismo: (Dhammapada 20, 376) “Os que obedecem a lei e seguem diligentemente os mandamentos terão serenidade de espírito, alegria e pros-

peridade. A obediência é o caminho para as boas coisas desta vida e da outra”.

Do Cristianismo: (Matheus 19-17; João 14-31; Atos 5,29; Romanos 6-17; Hebreus 12-9; Thiago 1-22; João 3-24 5-2-3) “O verdadeiro cristão é conhecido pelo fato de que obedece aos mandamentos de Deus. Quem deseja a verdadeira vida aqui e depois, precisa seguir os mandamentos”.

Do Confucionismo: (Shu-King: 4-3-3; Lun Yu: 20-3-1) “Para obter o favor do céu, devem-se observar os estatutos do céu. Quem reverentemente observa êsses estatutos e é obediente à vontade do céu, terá felicidade e torna-se-á um homem superior”.

Do Hinduismo: (Bhagavad Gita: 18-58-73) “As leis de Deus são eternas, sublimes e profundas. O homem que fôr obediente a elas será feliz e depois da morte, experimentará uma alegria infinita”.

Do Judaismo: (Deuteronômio 7-9-11-1; Reis 8-61; Salmos 25-10; 103-17; 18-119; 47-48; 70-77; 97-101; 112-113; 127-140; 143-163; 167-174; Provérbios 15-5) “Os mandamentos do Senhor são justos e devem ser obedecidos. Desobedecer resulta em castigo, obedecer resulta em felicidade e bemaventurança. Deus não recompensa os povos e nações que lhe recusam obediência”.

Do Maometismo: (Alcorão 4-124) “Estarei com o crente que ouve a palavra do Senhor e obe-

dece. A lei do Senhor foi dada aos homens para ser obedecida. O castigo dado à desobediência é severo”.

Do Sikhismo: (Japji — 13-14-15; Asa-Ki-War — Pauri 22) “O homem é para Deus o que o servo é para seu Senhor. Portanto, precisa obedecer sempre. Quem obedece terá honra e felicidade e eventualmente encontrará seu Senhor”.

Do Taoismo: (Kwang — Tsé 12-2) “O homem completo e perfeito é o que obedece sempre à vontade do Senhor.

Do Zoroastrismo: (Yasna 45-50-6) “O Senhor é sábio. O que êle ordena é bom para seus súditos e seus mandamentos devem ser obedecidos. A imortalidade é a recompensa oferecida ao obediente”.

Se o homem ignora Deus que é supra-racional, ignora as suas razões. Plotino dá um passo à frente no caminho aberto por Aristóteles na justificação do absolutismo inamovível — o primeiro motor. Já em Plotino transparece o futuro monge da Reforma, Martinho Lutero, que não discute nem quer discutir as razões de Deus. Se Deus é inatingível, suas razões o são também. Resta-nos curvar a cabeça e obedecer.

Vê-se em Plotino, retórico romano do III século, ao contrário de uma adesão às teses da Pa-

trística, que são no momento revolucionárias, um reajustamento em torno do Império combalido que procura a sua perdida unidade. Plotino pensa no inefável para ver se assim atinge mesmo através das degradações da Natureza, o Supremo Ser. Nêle se esboça numa coincidência histórica, o *Logos* de João.

Se Plotino diverge de Aristóteles quanto ao motor imóvel, é em relação à Física e não à Metafísica. À idéia de uma multiplicidade de motores secundários, êle reage acentuando a ortodoxia de um texto do próprio Aristóteles: “A primeira essência não tem matéria alguma, pois, é realidade perfeita”. Assim, a teologia aristotélica por êle desenvolvida e transformada em teologia negativa, de modo algum infirma a posição absoluta e absolutista do motor imóvel. De modo que todo êsse impressionismo filosófico do néo-platonismo não desserve nem desilustra o motor imóvel, espelho no céu dos tiranos coroados da Macedônia.

Em Plotino que se liga aos cosmólogos pré-socráticos, encontramos, no entanto, a raiz dessa filosofia da natureza que propõe um sôpro, um pneuma, uma matéria increada e imortal, o “germe de luz” do gnóstico Valentino e à qual o imperador apóstata, Juliano, procura dar a última formulação. A mesma que depois esplenderá em Giordano Bruno, Francisco de Assís, Averroes, Spinoza, Schelling e William Blake vindo dar Ba-

choven e os contemporâneos Ludwig Klages e Edgard Dacqué. Em Plotino, não há sombra de Messianismo. Há uma parte imortal em cada ser, porém ela não se liga a nenhuma consciência escatológica.

Na fecunda messe de heresias que são o fruto do primeiro Cristianismo, o que se nota até o aparecimento de Agostinho, é uma inconformação sem par. A antiga Roma se desorganisa e declina. Com a decadência do Império, surgem de todo lado as discussões bizantinas em torno das teses da Boa Nova messiânica. Se esta foi proletária no seu início, é que a Patrística conservou uma unidade polêmica favorável aos temas comunistas originados da seita dos Essênios, confirmada nos "Atos dos Apóstolos" e ganhando vitalidade no desenvolvimento da questão social, em Roma. Tôdas as heresias se tingem de revolucionarismo social. Pelágio quer a predestinação para todos e vê de um modo democrático, para todos a graça. Orígenes admite a salvação por etapas, atingindo até o próprio Satã. No fundo dessas polêmicas que enchem os primeiros tempos da Igreja, estronda a questão social, e por conseguinte, a inconformação ante o Direito paternalista imperial. Com o africano Agostinho, salva-se no entanto, a autoridade da Igreja e salva-se Deus com a teoria do arbítrio, apanágio e sina do Patriarcado. Os

heresiarcas são condenados. A predestinação e a eleição dominam a teoria da Igreja, em meio das ruínas fumegantes do Império Romano. Se Alarico toma Roma impunemente, aproveitando-se das dissensões do Império com o Oriente, já São Leão em 452 faz parar Átila na Itália e em 455 converte o vândalo Genserico.

Não se trata de uma simples coincidência, essa que transfere à Igreja, reforçada pela tese internacionalista da “Cidade de Deus”, e pela tese aristocrática da eleição, todo o prestígio romano ante o convulsionado fim do Império. Os fenômenos messiânicos avultam nos traumas sociais e nas desintegrações.

Caberia a um africano mesmo, trazer o sangue novo de que precisava o Sacerdócio para comandar.

Aliás, cabe à credulidade bárbara oferecer êsse sangue novo e vitalizador para os mandamentos e os dispositivos do Cristianismo. Entre nós, no Brasil, tivemos aquele curioso episódio relatado por Claude d’Abbeville, em que o cacique Japyuassú, se defende perante os jesuitas do crime de morte na pessoa da companheira adúltera. Êle nada mais fêz do que cumprir o que lhe haviam ensinado. Um outro episódio é emprestado ao mundo das invasões nos primórdios da conversão — o de Genserico. Na tomada de Cartago, mandou fechar os cabarés e dar maridos a tôdas as prostitutas.

Em Agostinho, o Sacerdócio retomara o seu papel de sentinela ativa do arbítrio. Só Deus escolhe, só Deus elege, só Deus salva. Ao lado disso, êle informa (por isso é Doutor), que só a Autoridade da Igreja faz crer em certos absurdos bíblicos. De modo que, em Agostinho se funda a doutrina da autoridade e do arbítrio que ia produzir, da Idade Média à Reforma, o esplendor do Sacerdócio Ocidental. Estava debelada assim, a crise do V século. A passagem do mundo romano para a Idade Média através da conversão, marca depois, em Guilherme de Occan, uma nova ênfase do arbítrio. Deus pode fazer o que quiser. Para êle não há compreensão nem crítica. É a entrega pura e simples do escravo.

Constitui um verdadeiro romance policial seguir-se a aventura patriarcalista do arbítrio através das páginas eruditas de Etienne Gilson. Um verdadeiro romance de Deus essa dissimulação do arbítrio sob as vistosas roupagens do Criador do Céu e da Terra. Apesar do respeito que infundem os gregos, a opinião média sôbre a ciência é a de Pedro Damiani. É o diabo quem inspira aos homens o desejo da ciência e foi êsse desejo que causou o pecado original, fonte de todos os nossos males. Apesar disso, o monumento da teologia medieval assenta sôbre Aristóteles. É Thomaz de Aquino. Para êle “Deus ama irresistivelmente a ordem imutável”.

Que é afinal o tomismo? Um fenómeno de ocaso. Como no início da ascensão burguesa, aparecem as grandes utopias do Humanismo trazendo a furo as velhas concepções coletivistas, é no século XIII que se produz a grande síntese ideológica do mundo medieval já em decomposição. Tôda a Metafísica como a Ética do Aquinata repousam sôbre as bases messiânicas do mundo, que tende a levar o homem ao seu único destino — à vida futura, ao céu. Quando vai apresentar-se, como virus ativo do pensamento burguês a predestinação agostiniana, que de Lutero e Calvino dará tôda uma linhagem de tubarões satisfeitos, da City londrina à Wall Street, o professor dominicano vai levar à Sorbone, na sua fundação, o realismo, declarando ser a Metafísica uma ciência muito mais exata do que a Física.

Todas as suas subtilezas, todos os seus arroubos são em tôrno da idéia do motor imóvel, símbolo solar do Patriarcado, agora revestido dos mitos iconográficos do Cristianismo. Deus é a Trindade. Thomaz coloca-se em face do nominalismo como um adepto da realidade dos universais. “A existência actualisa a essência”, afirma. Em matéria política êle toma a posição comprometida de filósofo paternalista. Sôbre isso desenvolve todo um temário. “Para a perfeita regularização da vida humana, é preciso a instituição de uma lei, superior às leis natural e humana que ajuste os atos do homem para seu fim transcendente”. “Cor-

responde à lei, induzir o homem ao cumprimento de seu dever”. “Como a lei emana de um só rei para um só reino, e como o gênero humano constitui um reino para um só cetro, o cetro de Deus, só há uma lei divina”.

Apesar dos trambolhões políticos de seu tempo e das lutas entre o Papado e o Império, Thomaz de Aquino já sabe legislar o direito divino dos reis. O Sacerdócio tem nêle a sua consagração de mediador.

E a sombra do Aquinata se projetará, reacionária e triste, sôbre cinco séculos do Ocidente. Seu afã fôra arrancar o ser do fluir, impôr o absolutismo inamovível sôbre a dialética da História.

Nas guerras camponesas que iniciam a Idade Moderna, vê-se uma marcada tendência quiliástica nas reivindicações dos sequazes de Thomaz Münzer.

Ao contrário do Cristo dulçoroso de Luthero, é o Cristo do Milenarismo, do Juizo Final próximo, que anima as hostes revolucionárias do campo alemão. Eis o que afirma Leopold von Ranke: “Sentia Münzer, como sabemos, um grande desprêzo pelo “Evangelho Poético” que Luthero pregava, por seu “melífluo Cristo” por sua doutrina segundo a qual o Anticristo — o Papa — seria destruído sòmente pela palavra, sem se recorrer à violência”.

O ano jubilar estava às portas, quando “cada um voltaria de novo à posse dos bens herdados por êle vendidos”. Essa subversão da propriedade iria terminar com a adesão de Luthero às classes dominantes. E seria pela espada que o “dulçuroso Cristo” ia abater as hostes comunisantes do iluminado Münzer.

Da mística pré-protestante a Jacob Böhme, de Mestre Eckhart aos iluminados que Henri Brémond estudou, há uma linhagem de intuitivos que ateizados ou não e trazidos para a poesia darão os acentos lancinantes da “Sturm und Drang” e mas tarde os do Romantismo.

Para os grandes místicos, o Messianismo é assunto de portas fechadas, e portanto, assunto que dispensa o Sacerdócio. Thereza de Jesus sente a presença física de Deus e a sente com certeza, mais na intimidade de sua cela do que na confissão auricular. Aí, o intermediário só pode comprometer o rendez-vous.

O contacto místico descera do caráter orgiástico que tinha na Grécia (mistérios órficos, festas dionisiacas) e que se conserva ainda nos povos primitivos, para constituir no civilizado a mais secreta das experiencias íntimas.

Roger Bastide assinala em seu livro sôbre a vida mística, segundo textos mussulmanos e cristãos, que Deus esvazia o paciente para depois en-

cher o vazio com a sua presença. E produzir um estado de tensão de todo o ser.

Trata-se de uma luta terrível entre as potências do instinto e as da vontade, escrava do mito atuante. Os alumbrados são os atletas de Deus ou melhor, os seus treinadores. A noite em que o Jacó bíblico perdeu para o Anjo, marcou o início dessa terrível prática mágico-masoquista, em que a entrega assume proporções que hoje a patologia estuda e define.

A mística passa a ser uma doença, com o desaparecimento das atividades de superfície. É a teopatia, o aniquilamento, a calcinação. Atenuada, coleciona simples fenómenos de mitomania.

Essa capitulação do contemplativo que ultrapassa os recursos da razão, tem armado mais de uma vez na História, sob o comando do Sacerdócio, o braço secular. Pior para quem não acredite! Dela saiu o Alcorão e dela se têm alimentado os livros santos de mais de uma religião ativa. Lembremos, por exemplo, a Cruzada contra os albigenses pregada por São Domingos.

Há na crise sacerdotal do século 16, duas posições nítidas tomadas para sempre nos destinos do Cristianismo.

Com tôdas as suas tropelias e seus êrros, a corrupção romana, a tírania apostólica, a venda das

indulgências, o Catolicismo conserva a linha tomista que traz em si, além da sociologia da esmola, um vago perfume de coletivismo. Assim, ante a irrupção do burguês ganhador, para quem a acumulação de bens terrenos emancipa dos ancestrais compromissos com Deus conduzindo-o do liberalismo ao ateísmo, a reação da Igreja Católica é muitas vezes duma violência polêmica de primeira ordem. Assim, já afirmava, como princípio, a Escolástica: “As pessoas que fazem empréstimo a juros não deviam encontrar mais tolerância por parte do Estado do que as prostitutas: ambos êsses ofícios caem sob a proibição do Direito Natural”. Pelos que ainda conservam os preconceitos medievais do “justo preço”, o ideal da sociedade burguesa consiste em: “sugar o sangue da viúva, tirar a herança do órfão, oprimir, sufocar, devorar o pobre que não tem a fôrça de resistir e construir a própria casa sôbre a ruina de vinte famílias”.

Libertado pela teoria da graça, o protestante segue caminho diverso. Na santidade, no puritanismo e na ascese de Benjamim Franklin, se insere inconscientemente a psicose do lucro: “Se amas a vida, não percas tempo, pois, que o tempo é a substância da vida. Que tempo inútil gastamos em dormir, esquecendo que a raposa que dorme não pega galinhas e que, no túmulo, teremos tempo de dormir por tôda a eternidade”. Seus ditados são: “Tempo é dinheiro” ou “Poupar, poupar, poupar”.

Com a superação do mundo medieval, o Patriarcado sofre os primeiros embates do espírito moderno. Através dos artistas do Renascimento, redescobre-se o corpo humano. Com Descartes a razão afirma que existe e sôbre as técnicas do pensamento a ciência estende um vasto império, até aí insuspeito. São duas incalculáveis conquistas. O homem tem corpo e razão. De outro lado, Spinoza ligando Deus á Natureza, restitui à alma humana o seu sentimento cósmico, fora das injunções do Sacerdócio e da Igreja.

Antes disso, os humanistas lançavam do fundo de suas utopias revolucionárias, as primeiras ofensivas contra a ortodoxia absolutista. Erasmo afirma que “os príncipes cuidam mais dos seus rufiões mercenários que dos seus súditos”. “Verdade é, que êles se servem daqueles para dominar o povo”. É ainda Erasmo, que com Thomaz Morus, levanta a voz a favor da justiça internacional e da paz. Ao seu lado, Hugo Grocio, revive as teses do Direito Natural. Campanella restaura o ideal da República platônica, indicando o modelo matriarcal de Esparta.

Por mais que surjam contradições no pensamento humanístico, sendo uns pela monogamia, outros pela posse comum das mulheres, em todos, porém, se encontra o germe da inquietação que vai produzir os progressos da nova era e ameaçar o Messianismo. Bem se exprime pela bôca de Bacon de Verulan, o sentimento de que pela ciência

se desvenderão os mistérios do mundo e se derrogará o atraso em que mergulha a humanidade. Na “Nova Atlântida” ter-se-á por um dos principais fins “a descoberta das causas e o conhecimento da natureza íntima das fôrças primordiais e dos princípios das coisas, afim de que se estenda o império do homem sôbre tôda a natureza e que êle execute tudo que lhe fôr possível”.

Duas figuras decisivas marcam, antes do aparecimento racionalista de Descartes, o descrédito da ortodoxia messiânica. São Rabelais e Montaigne.

O que porém, faz estremecer e desabar o edifício da Idade Média visionária, sacerdotal e castelã, é o advento econômico da burguesia. Mais do que a pólvora dos canhões, é o dinheiro na sua validade anônima que derroga os privilégios da nobreza feudal e da clerezia usufrutuária. Numa gigantesca operação de estorno ideológico o que agora se procura é o êxito na terra. O triunfo no céu importa menos que a moeda à vista, sonante e boa. A separação abismal entre a Idade Média e a Renascença é dada pelo aparecimento do dinheiro burguês. Com êle a iniciativa, o crédito e a técnica. Os documentos bancários e o papel moeda inventado na China no século XIII, fluidificariam de tal maneira o poder monetário que os valores vitais deviam ceder ante a expansão dos valores econômicos produzidos e multiplicados por tôda parte.

A cidade, face ao castelo, é o segrêdo da transformação diabólica do mundo. A cidade é o mercado, a cidade é o desejo que estimula a produção. O burguês não se tornara ainda o explorador genialmente descrito pelo romancista Marx. Êle é o inimigo número 1 da servidão do campo. “O ar do burgo produz liberdade”, diz um provérbio alemão da época. A cidade traz no seu bojo o banco e o empréstimo. O senhor feudal que conserva a economia de Deus, naufraga na dívida, filha dileta da prodigalidade. Na cidade, o burguês economiza. O dinheiro é o agente anônimo da sua fôrça. Junto com a pólvora, êle destroi as pesadas muralhas onde se acoita impotente, o senhor do latifúndio. É através do dinheiro, e portanto, do crédito que o burguês inicia a sua emancipação. O homem comum pode agora ser alguém. Dispensa os privilégios que destacavam no fundo amargo das explorações medievais, o barão feudal.

A burguesia, no entanto, cerca-se de tôdas as precauções paternalistas. É a família monogâmica em face da bastardia do castelo. Data dessa época, a instituição da monogamia entre os judeus. E o Direito Romano ressurge porque é o Direito que garante e defende a propriedade. Uma volta às 12 Táboas. É o Direito que sustenta a herança. É o Direito que tutela a mulher e a conserva inerte no poder dos agnatas. Ela se vinga. De uma só vez na Roma da gens patriarcal, tinham sido

condenadas à morte cento e setenta espôsas por envenenamento dos maridos. Agora atenua-se o conflito. Engels afirma que o casamento monogâmico vive sôbre duas muletas — o adultério e a prostituição.

Mas a grande crise é a crise do Sacerdócio. O apogeu do Papado, na sua ligação com o Santo Império Romano, provoca ódios e dissensões. A corrupção lavra no mundo religioso. E no horizonte das heresias, iluminado pela fogueira de Giordano Bruno, surge a figura apaixonada do monge Reformador. Roma para êle é a “sangrenta prostituta de Babilônia”.

A primeira atitude de Martinho Lutero é a liquidação do celibato sacerdotal. O sacerdote perde aí a sua vestalidade. Passa a ser o homem sem mistério, o homem devassado pela intimidade da família. De outro lado, o Reformador dá as bases para a fôrça moral da burguesia. É a doutrina da graça. Deus elege os beneficiários do lucro. Contra o Sacerdócio que é ócio sagrado, surge na sua virulência, o negócio que é a negação do ócio.

E sôbre o dinheiro papel, sôbre o crédito e a transação fiduciária ergue-se o mundo do banco, do comércio e da indústria. É no fiado que o mundo se transforma. O crédito baixa à terra, descido das promessas de uma sobrevivência inú-

til como um bocêjo eterno. A burguesia é a ação, a inquietude, a graça imediatamente negociada. Pode esmagar os fracos que se interpuserem em seu caminho. A justificação pela fé é a grande arma do arbítrio. Parece que o pecador Lutero teme a justiça de Deus. “Só a graça é que salva!”, clama êle num desespero. Na luta contra o Papado, apela para o poder secular e proclama que o príncipe pode definir o dogma. Mas, nas asas do negócio, Lutero colocava a destruição da própria fé. É com êle que o Messianismo declina. Alguns séculos mais, e um crente, o francês Bernanos passará o público recibo da descristianização da Europa.

O negócio é a imoralidade fecunda. Da insensibilidade dos precursores do capitalismo vai sair a fôrça terrena da revolução industrial. Eis como Lutero define o seu próprio estado de eleição: “Um dia Deus se voltará para nós sorrindo e nos ornará com uma corôa imarcessível dizendo: Confessaste que eu era o Senhor, pregaste o meu nome. Muito bem! Que fôste pecador, pouco me importa, basta teres acreditado em mim e me conferido tôda a honra. Assim, testemunharei por vós perante meu Pai Celeste”.

Como se vê, é um contrato a que sòmente falta a confirmação tabeliôa. O espírito da transação burguesa está todo na Reforma.

Face ao luteranismo e às formas ásperas ou cordatas que êle suscitou contra o Papado, constituiu-se uma ordem militante, a dos guerreiros de Inácio de Loyola.

O jesuita procura limitar a ofensiva da Reforma e consegue vencer na França, o espírito jansenista que dela derivava. Impotente porém, ante a fôrça das comunhões protestantes, parece desertar a Europa e procura então, a América para aí fundar o seu sonhado Império Teocrático.

Octave Hamelin afirma que Descartes vem logo depois dos pensadores antigos, passando pela Idade Média como por uma página em branco.

Mas em Descartes novamente a covardia homenageia o Absolutismo. As suas idéias claras e distintas que a razão natural descobre em si mesma, repetem o conceito medieval de Deus — ser infinito, perfeito, todo-poderoso, criador do céu e da terra, que fêz o homem à sua imagem e semelhança. A dúvida desaparece ao clarão das fogueiras da Inquisição. Mas permanece o *Cógito*.

Vejamos o roteiro mental do *Cógito*. Data êle de Agostinho e tem a sua formulação completa no *Cogitor ergo sum*, que um filósofo posteriormente encontrou. Sou pensado, ou melhor, sou objeto de cogitação, logo, existo.

Porque já está em Agostinho a inteira descoberta do *Cógito*. Citemos, Hamelin, pág. 122 do

“Sistema de Descartes”: “Porque no livro II, do Livre Arbitrio, Alípius disputando com Evodius e querendo provar que existe um Deus diz: Primeiramente afim de que comecemos pelas coisas mais manifestas, vos pergunto: se não existissem não poderieis ser enganado.”

Apesar das esquivas de Descartes, a quem Arnauld assinalou com Agostinho o encontro de idéias, é evidentemente um só o roteiro do *Cógito*. Eu duvido, logo, penso. Se penso, existo. Ao qual se pode juntar o texto de Descartes sobre o gênio maléfico: “Mas, há não sei o que de enganador, muito poderoso e muito astuto, que põe tôda a sua arte em me enganar sempre. É pois, sem dúvida, certo que existo se êle me engana”.

Com Descartes, por certo se delineia o começo do mundo moderno. O seu livro de apôio às teorias de Galileu fôra por êle mesmo queimado. Mas o que importava era no meio das fintas, das palinódias e das fugas, fundar uma ciência sobre a validez da razão. Fica ainda como manifestação do inconsciente de Descartes, aquela idéia do *malin genie* que o aproxima tanto do pensamento primitivo.

Nunca se psicanalisou Descartes. O seu “*J’avance masqué*” devia ter chamado a atenção de críticos e analistas para o que se oculta dentro

da algaravia clássica do “Discours de la Méthode”. Primeiramente, o assunto e o título. O método seria talvez a única maneira de se liquidar a loucura medieval, a loucura de Deus, a loucura servil de milhões de seres abafados pelo terror que a Igreja cultivava. Não há loucura metódica. Arranjar bem as idéias seria o cometimento básico para destruir o irracionalismo oriundo de Paulo, Plotino e Agostinho.

Duas afirmações ficaram de pé no meio da conversa mole do “Discours de la Méthode”: o Homem existe, é uma realidade. Esse Homem duvida, duvida de tudo, portanto, pode duvidar mesmo de Deus.

Sobre esse duplo pedestal ergueu-se a consciência moderna e por isso transcende da paternidade da ciência, a glória de Descartes. No restante, Descartes, ao contrário de Spinoza, ajoelha ante a imagem do arbítrio medieval que pela pura liberdade de seu querer, criou o homem.

A Reforma havia quebrado a magia do Sacerdócio. Ela adotara o livre exame. A prosperidade nos negócios é um sinal de eleição. O pastor tornou-se apenas um conselheiro pois que, por obra da graça, qualquer espertalhão pode ter o céu garantido. As seitas dividem-se, subdividem-se à vontade dos grupos. E cada um pode ter suas preferências de culto.

Cai das mãos do sacerdote o poder de julgar e condenar. Transferida a grande instância para Deus, tudo passa a ser caso de consciência. Qualquer mortal faz suas contas com o próprio Deus. E isso desentruava as iniciativas do capitalismo que prospera nos países reformados portadores de matéria prima. O anglicanismo é uma teologia do tecido, depois do carvão. É possível arrancar a mais valia do proletariado indefeso que nasce, sem quebra de moralidade.

Decaída de seu esplendor unitário, a Igreja de Roma vê a dissensão lavrar em seus reduzidos domínios. Foi-se o tempo em que o Papa fazia parar Átila. Foi-se o tempo em que Inocêncio III condenava a Magna Carta e Gregório IX depunha o imperador Frederico II. Foi-se o tempo em que Carlos V trocara o seu império pela estamemba do monge.

Os jesuitas formam ainda a vanguarda de Deus. Mas provocam ferozes e obstinadas repulsas. Acusam-nos de dominar o Concílio de Trento que passou a ser considerado pelos protestantes, um conclave não doutrinal e sim político, instrumento do Anti-Cristo e de Satã.

Calvino declara mesmo que os concílios não podem julgar a palavra de Deus, mas que cabe a esta julgá-los. A palavra de Deus está na mão dos príncipes que podem definir o dogma. A reu-

nião de Trento arrasta-se por cerca de vinte anos (1545-63), sem demover os protestantes da sua intransigência contra a unificação do culto. Em Calvino o Sacerdócio se recupera da sua entrega ao Estado, decorrente das condições políticas da Alemanha luterana. O pastor que vai acompanhar o desenvolvimento dos Estados Unidos mantém-se autônomo e se nega a ser instrumento.

Dentro da França trava-se no princípio do século XVII, a luta entre jansenistas partidários da graça e jesuitas partidários das obras, conseguindo êstes uma medíocre vitória. O iluminismo, o quietismo, o misticismo, enfim, abrem caminho para o ócio, para a inatividade e para a fuga. Mesmo na militância jesuítica surgem os alumbados. Alguns dêles consideram os “Exercícios Espirituais” de Santo Inácio, carrinhos de crianças destinados apenas a ensinar a caminhar.

É de Maine de Biran a seguinte exclamação: “O’ bom Fenelon, vem me consolar depois de uma leitura de Pascal! Teus divinos escritos vão dissipar êste véu de que o jansenista recobriu meu coração, como a doce púrpura da aurora expulsa as tristes trevas”.

Fenelon iria produzir Francisco de Sales em face da sinistra volta à dádiva escrava e fatalista que deriva de Calvino, muito mais que de Agosti-

nho. “Deus, espero-vos ser fiel porque me destes a vontade de cumprir a vossa”.

Os “Exercícios de piedade para uso das religiosas do Santíssimo Sacramento de Port-Royal”, vão muito além de uma técnica do amaciamento da vontade como são os “Exercícios Espirituais” de Santo Inácio de Loyola. É de novo a loucura de Deus. “Eu vos peço, Senhor, o poder de olhar de longe os raios que se despejam de vossa face, para que êles me ajudem a marchar na profunda noite do meu banimento”. Estamos no apogeu da Negatividade.

Por um instante a França se viu ameaçada pela paixão jansenista, de mergulhar no irracionalismo pascaliano.

Mais prático e mais frio nas suas intimidades com Deus o jesuita se acomoda como quer, para os seus exercícios exgotarem nêle “os consolos, as lágrimas e o resto”, na frase de Brémond.

A sua ascese não o deixa desligar-se do solo em que enterra os pés ávidos de segurança e de comando. É sempre um soldado.

Ao lado das duas correntes que prometem, ou calcinar a França ou acorrentá-la, produz-se a vitória da mediocridade afável, vinda de Francisco de Sales. Um sorriso entre dois infernos. É a média mística. A visitação dos doentes, a caridade, a instrução. Seu livro chama-se “Introdu-

ção à Vida Devota”. Vai ser mais feliz que os catecismos apocalípticos de Inácio e de Jansênio. Com Francisco de Sales, o Sacerdócio desce à rua, penetra nas casas, consola o doente e baixa as suas velhas pretensões intelectuais ante o pensamento livre dos enciclopedistas. Segue-o e ultrapassa o socorro anônimo de Vicente de Paula.

A polêmica da Ilustração se ressentia da idéia mecânica do mundo que Newton propõe. Quando não há ateísmo, é o Deus relojoeiro de Voltaire que aparece como ordenador do mundo.

Os pensadores ingleses aí vêm ter uma importância fundamental no momento em que a revelação passa para um segundo plano e procura-se, enfim, legitimar a fé pela razão.

Começa-se a considerar o Cristianismo sob o ângulo ahistórico. Sua moral é velha como o mundo. A religião é coisa natural.

Pela tese sensualista de Hume, a religião vem a ser uma questão de sentimento. E a lei de causalidade posta em cheque, vai direito ferir o conceito de Causa Primeira.

Locke influi sobre Jean Jacques Rousseau. Mas quem exprime o definitivo desacerto com o Cristianismo é Voltaire para quem a “religião quando não é loucura, é malandragem”.

No entanto, Voltaire integra a boa fé desse grupo de adeptos dum vago deísmo que chega até

Mirabeau em plena Revolução Francesa. Repercutete de um modo razoável na Inglaterra e na América. E o próprio Benjamim Franklin, sem deixar a severidade de sua posição decorrente dos compromissos ancestrais com a Nova Inglaterra, não deixa de participar dêsse culto à razão que afinal, não passa do culto a uma razão de classe, à razão burguesa. A luta contra os velhos preconceitos se estende. Na declaração da Independência dos Estados Unidos, anunciam-se “verdades evidentes por sí”. “*Aimez donc la raison!*” Isso vem dar Boileau e a codificação até da poesia.

Há uma confusão onde entram, no conceito newtoniano do mundo, a religião natural, Thomaz de Aquino, Cícero e Aristóteles. Mas trata-se de fato de fazer marchar o mundo. A ciência e a técnica procuram produzir na terra o céu longa e desanimadoramente prometido pelo Messianismo.

Kant derrama de suas teses a problemática do século XIX. Se de um lado a Revolução Copernicana revigorando Platão assenta sôbre o conceito as bases de todo idealismo, de outro lado, as suas antinomias abrem caminho para a dialética de Hegel. O conhecimento do mundo através da lei moral é a máscara ecumênica que coloca a política, a posição tomada e o interêsse partidário, acima da realidade. Ao mesmo tempo, o seu criticismo é fecundo de indagações. Nêle, a razão vacila.

Mas é em Hegel que se desmascara o processo da Negatividade. Em Hegel historializa-se o progresso pela negação. Nos sistemas fechados do pensamento, Hegel introduz uma nova dimensão — o tempo. Prenuncia a Relatividade.

Abre-se o século XIX, episódico, com a desdita de Pio VII. Por causa de um divórcio não consentido, Napoleão prende o Papa. Com a queda do Imperador parece que Roma descansa no seu velho prestígio. É a Santa Aliança. A Filosofia Positiva, inicia nesse momento um denodo de exatismo que vai criar uma ciência nova — a Sociologia. E por tôda a Europa o liberalismo ergue bandeiras e barricadas. Chega o ano marcante de 48. Nesse momento, aparece um dos maiores documentos da História, o “Manifesto Comunista” de Marx e de Engels. Como curiosa réplica, Pio IX é obrigado a fugir de Roma. E vemos no testemunho de Bachofen, “Garibaldi, vestido de vermelho, sôbre um cavalo branco, seguido de um prêto” atravessar as ruas da Cidade Eterna, sob o delírio da multidão. Na década de 70, com pequeno intervalo, dois outros grandes fatos se solidarizam. A Comuna e a perda pelo Papa da *Civitas Leonina*, com a constituição do Reino da Itália.

O Sumo Pontífice é agora um prisioneiro na gaiola dourada do Vaticano. Um ressentido que inútilmente espera o dia seguinte.

Ao reacionário Pio IX que produzira o *Sílabus* e fizera proclamar o dogma tardio da sua infalibilidade, sucede o sábio Leão XIII que produz a primeira encíclica social. Mas é o grande Papa que joga o Cristianismo num terrível impasse. Condena o socialismo.

Quando o século terminou, um filósofo americano, Josias Royce, toma posição para salvar o Cristianismo. Entre a personalidade do Homem Deus, e o senso comunitário e social do Cristianismo, opta Royce, pela maior importância do último. Cristo foi o estímulo. O que vale é o sentido ecumênico de seu ensinamento. A experiência cristã é social e não individual. O apóstolo Paulo, seria o fundador da comunhão evangélica. Para Royce, o pecado original não é senão o conflito entre indivíduo e sociedade.

Como se vê, o Messianismo tende a seu fim. Bem longe de Royce, anterior a êle, oposto a êle, em Copenhague, aparece outro cristão atacado de oposição à Igreja estabelecida. Sua vida é um imenso diálogo com o Deus da tradição, que êle começa chamando de “nosso inimigo mortal”. Dir-se-ia ouvir de sua bôca, o grito de Job: “Ah! se fôsse possível haver um árbitro entre o homem e Deus!”

Na história da Negatividade, Sören Kirkegaard se afirma como sujeito. Êle se insurge

contra o que supõe eterna regra da vida. São apenas as leis do Patriarcado que o conduziram ao desfêcho que o fez reclamar da existência o milagre da “Repetição”. Viver para êle é viver na enfermidade mortal. Conhece que “o homem natural e a criança não sabem o que é horrendo, mas o homem sobe e treme.” Dá a medida do Patriarcado.

As condições a que o mundo tinha atingido no apogeu da revolução industrial, encontraram seu grande analista. Foi Karl Marx. “O Capital” não é sòmente a teoria econômica que encerra ou o sonho político que propõe. É sobretudo a fixação psicológica e social das classes em luta. Para não recorrermos ao pai do socialismo científico, taxado de parcialidade, vejamos o que se passava no século XIX, através de um católico de nossos dias, um escritôr americano. No seu livro “Ascensão e Decadência da Burguesia”, Emmet John Hughes reproduz alguns depoimentos de trabalhadores, resultantes de um inquérito sôbre a vida nas fábricas e nas minas, feito em 1832. Eis alguns trechos: “Com que idade começou a trabalhar na fábrica? Oito anos. Qual o horário que tinha? De seis da manhã, até às nove. O que aconteceria se chegasse atrasado? Apanhava. Nas fábricas há castigos corporais? Sempre. É

difícil estar na fábrica sem ouvir um choro constante? Não passa uma hora sem isso”. O operário em seguida narra a infância: “Quando me levantava tinha tal apreensão, que costumava correr e chorar por todo o caminho”. É o depoimento de Mathew Crabtree”. Vejamos ainda o depoimento de uma moça de 17 anos, Patience Kershaw: “Tôdas as minhas irmãs trabalharam empurrando vagonetes, mas três foram para a fábrica. Alice, porque suas pernas inchavam devido a trabalhar em água fria quando estava com o corpo quente. Nunca fui à escola de dia; frequente a escola aos domingos, mas não sei ler ou escrever; vou para o poço da mina às sete da manhã e volto às cinco da tarde; começo almoçando mingau e leite; levo o jantar comigo, um bôlo, e vou comendo pelo caminho; não paro nem descanso para isso; nada mais tomo até voltar para casa e então como batatas e carne, mas carne não é todos os dias. Trabalho com a roupa que trago neste momento, calças e casaco rasgado; caíu o cabelo no alto da cabeça, devido a empurrar vagonete; minhas pernas nunca incharam, como as de minhas irmãs quando foram trabalhar na fábrica; empurro os vagonetes uma milha mais, ida para baixo e volta; êles pesam trezentos CWT; faço isso onze vêzes por dia; uso um cinto com corrente para puxar os vagonetes para fóra; os escavadores para quem trabalho andam nús; exceto um boné, tiram tôda a roupa; vejo-os tra-

balhando quando subo; ás vêzes êles me batem com as mãos, quando não ando depressa bastante; batem-me nas costas; os rapazes às vêzes tomam liberdades comigo e pegam em mim, sou a única moça na mina; há cêrca de vinte rapazes e quinze homens; todos homens nús; eu preferia trabalhar em uma fábrica e não numa mina de carvão”.

Como se vê, não há exagêro no que Marx escreve sobre a época da grande desapropriação das terras comunais inglêsas, “quando os carneiros devoravam os homens”.

Baseado numa empolgante documentação, Marx e Engels traçam o novo evangelho que resulta daquele estôrno ideológico, quando no século XVI, se transfere para o êxito e a prestação de contas na terra, o que a humanidade ocidental alentada pelo Sacerdócio supunha residir no céo.

Face à morada confortavel do burguês e à sua vida faustosa, Marx coloca revolucionariamente o cortiço. Entre ambos a fábrica. É tal a fôrça profética dêsse Moisés que, como o outro, cái às portas da Terra Prometida, que imediatamente se fixam bases dogmáticas para a luta do proletariado. Ei-las: A) as leis, os costumes, a literatura, a filosofia são consequências da estrutura econômica da sociedade. São a sua superestrutura; B) é o próprio proletariado, como classe, que deve decidir de seus assuntos; C) a tomada do poder pelos trabalhadores será uma ditadura de classe.

O novo messianismo consolida-se. No fim da luta, dar-se-á a supressão do Estado. É o próprio Stalin quem o declara na sua ferosa militância: “O Estado se manterá ante o cerco capitalista. Extinguir-se-á se fôr liquidado êsse cerco”. Mas Marx falou: “Entre a sociedade capitalista e a sociedade comunista, medeia o período da transformação revolucionária de uma na outra. A êsse período corresponde também um período político de transição, cujo Estado não pode ser outro senão a ditadura do proletariado”.

As premissas de Marx vieram produzir a atualidade da URSS. É que o estado de Negatividade, o segundo t rmo de Kojève, que devia ser superado, consolidou-se no sectarismo obreiro. O operariado evoluiu, não é mais o que Marx fixou nas páginas lancinantes de “O Capital”, não é mais o que chora nos depoimentos de Hughes, não é mais o que, segundo a constatação de padres católicos, fazia as costureiras de Paris morrerem depois de 36 horas consecutivas de trabalho. De outro lado, produziu-se no desmoronamento da sociedade burguesa, uma imensa e crescente proletarização. Que é hoje o proletariado? Nas suas indefinidas fronteiras junta-se uma humanidade estuante que reclama a repartição da mais-valia. Seria esconder a realidade, afirmar que, fora da URSS, por meio das leis sociais, não se realiza

um fenômeno ascencional de redistribuição dos lucros. Evidentemente, certos grupos detêm ainda na mão privilégios abusivos. E contra isso se luta de tôdas as maneiras.

Mas o mundo mudou. O que era Messianismo, fenômeno de caos, na sucessão de crises de conjuntura que deu afinal a crise de estrutura do regime burguês, tornou-se sacerdócio emperdenido e dogma imutável na URSS. Houve uma grosseira escamoteação do problema. Evoluída a classe trabalhadora, perdidos os seus contornos, a ditadura de classe se substituiu pela ditadura de partido. O fenômeno que deu o fascismo instalou-se no coração revolucionário da URSS e produziu o colapso de sua alta mensagem.

No prenúncio atual de um novo Matriarcado, que se processa na crise do parentesco, onde quase ninguém mais procura ser pae, espôso, filho, — o marxismo militante fixou-se no setor da propriedade. O Estado que se reforçara para se extinguir, prolonga e fortalece os seus arsenais armados, no argumento, sem dúvida exato, de que luta contra o imperialismo.

O marxismo militante engajou-se na economia do Haver (Patriarcado) escapando às injunções históricas da economia do Ser (Matriarcado).

E na alienação no dinheiro, na filosofia do dinheiro, prossegue dentro da atualidade russa, o surto enunciado pela economia do renascentis-

mo. O Estado assume a idolatria do dinheiro. E para ligar com férreas ataduras policiais a massa sufocada, dentro da fórmula áspera de Paulo, “quem não trabalha não come”, utiliza a lógica de Aristóteles e a metódica de Sorel, dentro da cortina de ferro de seus limites geográficos e políticos.

Supunha-se que, dialéticamente, depois da tese — burguesia — e da antítese — proletariado — viesse a síntese que seria uma ligação prática entre o comunismo e as classes progressistas da burguesia. Isso se dera para ganhar a guerra com a Conferência de Teerã. De Stalin, novo Julio César, o homem da espada e do livro, esperava-se a acomodação dialética. Êle soubera demonstrar contra Trotsky, que um Estado Socialista podia subsistir ao lado do mundo burguês. Seu delegado nos Estados Unidos, o escritor Earl Browder, durante 15 anos secretário do Partido Comunista Americano, apontava a direção a seguir. Trazer para a paz a mesma aliança que ganhara a guerra. No seu livro intitulado “Teerã”, indicava a síntese das forças políticas vitoriosas. Que sucedeu, no entanto? Em pouco tempo, a “doença infantil do comunismo” recrudescceu e tomou conta do corpo místico da militância soviética. Stalin que num último ato de coerência, havia dissolvido a III Internacional,

permaneceu inerte ante a reconstituição do Partido Comunista Americano que Browder conseqüentemente liquidara. E o próprio Browder se via expulso da sua antiga organização.

Stalin não era o mesmo. Prisioneiro ou não do Politbureau, traíra a dialética da Historia de que fora ativo mensageiro.

O novo messianismo deixára a sua fase de recuperação psíquica, originado como sempre, na depressão das massas e no caos social e entrava na sua fase dogmática. Era o último avatar dos sistemas disciplinares que haviam domado o mundo cristão. Em vêz da síntese esperada entre a burguesia progressista e o comunismo, outra se processava dentro dos umbrais ideológicos da URSS — a síntese entre a Reforma e a Contra-Reforma. Santo Inácio e Luthero davam-se as mãos no “A-B-C” de Bukarin. “É a vontade divina que decide se um ato é bom ou mau”, escrevia o monge da Reforma. Agora era o Partido que decidia, impondo o *Perinde ac cadáver* a seus catecúmenos. Sob o sígno da ação, os novos legislados perdiam todo contacto com crítica e autocrítica e sem perceber, mergulhavam nos domínios da Ontologia, da Apologética e da purificação pelo expurgo.

Lenine já declarara o seu horror a qualquer ceticismo. Nas suas mãos triunfais, o marxismo

deixa de ser método para ser transcendência. Está criada, pelos seus sequazes, a metafísica proletária.

Não é atôa que Jean Paul Sartre denuncia como operação idealista, a redução de espírito à matéria na teoria marxista-leninista.

Quem poderia prever, quem ousaria sonhar que o Messianismo em que se bipartiu a religião do Cristo (Reforma e Contra-Reforma) iria medrar no terreno sáfaro das reivindicações materialistas do marxismo? Uma pequena correção no texto dos “Exercícios Espirituais” dariam esta proclamação comunista: “minha vontade é conquistar os povos que estão sob o domínio da burguesia. Que lutem todos como eu para que depois dos sofrimentos venham as festas da vitória”. No fundo, refulge a promessa messiânica.

Pelas condições históricas do progresso técnico e social, o trabalhador deixou de ser o pilar das teses românticas de Marx. Mas a autocrítica desapareceu. Tôda a crítica naufraga no sectarismo. O perfeito militante é o mesmo boneco farisáico do puritanismo — socrático ou americano — que se apresentou ao mundo para edificá-lo, pedante, cretino, faccioso. E não seria mais estranho ouvirmos uma noite, pela boca universal da Rádio-Moscou, que foi proclamado o Dogma da Imaculada Revolução.

Se Lorca foi assassinado em Granada, Maïacovski suicidou-se em Moscou. São os imperativos da ação, explicam os justificadores dos regimes de terror.

Agora, o dever de todo bolchevique não é mais ser internacionalista, é ser patriota. Quem informa é André Jdanov, o Torquemada vermelho, num congresso que reuniu afim de desmoralisar o velho professor de Filosofia, Alejandrov. O crime a êste imputado é o de ser “objetivo” no seu manual destinado às classes superiores. Decorre que, depois da consolidação da URSS, há uma “mecânica celeste reacionária” e uma “genética capitalista”.

Jdanov celebrisou-se pela condenação que impôs, como secretário do Partido Bolchevista, a alguns dos maiores compositores do século, entre os quais Shostacovski e Prokofieff. O filisteu acusava-os de serem apaixonados por combinações caóticas de sons que produzem cacofonia. A sua música seria feita de barulhos discordantes que ferem o ouvido. Numa resolução do Partido, essa música, declara-se, lembra a música burguesa contemporânea da Europa e da América, e por conseguinte, não presta. É com a ópera italiana que se vai salvar o mundo.

Ao contrário dos músicos, os pintores da URSS, pelos seus líderes modernistas, foram mais felizes. O engenheiro Sajeve, na luta contra o

naturalismo que o Partido procurava impôr, afirmou que “se podem exprimir idéas não só pelo assunto, mas pela própria pintura”. E o célebre escultor Mukhina, declarou: “A arte nasce de uma concepção emocional do mundo que é a do artista”

Se a arte na URSS sofrera restrições e debates, a Ciência teve o seu processo, quando Lissenko fêz a conhecida intervenção no campo da Genética, na “Academia Lenine das Ciências Econômicas”, em 1948.

A atitude do presidente dessa Instituição moscovita, foi nítida e ameaçadora. Acusou nada menos a “genética reacionária” de idealismo, dizendo que ela proclama “uma matéria hereditária imortal governando o corpo perecível, mas não nascendo dêle”.

É facil identificar aí o velho esperma cósmico dos néo-platônicos, o pneuma, o plasma de Paracelso, a matéria imortal de Spinoza, enfim, um conceito de Filosofia clássica que não traz em sí implicações metafísico-reacionárias e que vem dar tanto Mendel como Daqué. Mas o Partido sente-se ameaçado pela rigorosa exatidão das teses mendelistas. Elas podem conduzir a uma idéia da imortalidade da alma e de Deus!

Não há compromisso algum com o velho mesianismo imortalista na doutrina de Mendel e do

biólogo americano Morgan. Ao contrário, quem se compromete é Lissencko quando afirma espantado que “os morganistas-mendelistas, seguindo Weisman, partem da idéia de que geneticamente os pais não são pais de seus filhos. Acreditar em sua doutrina é afirmar que pais e filhos são irmãos e irmãos”.

Está definida aí tóda a essência do Patriarcado. A posição de Lissencko é rigorosa. Pai tem que comparecer mesmo. Quando o Mendelismo vem formular a identidade existencial e biológica do parentesco humano, Lissencko, brigadeiro da genética patriarcalista, cora e reage.

Á intervenção espetacular de Lissencko na defesa de sua tese, não faltaram as denúncias e delações de companheiros, os “risos”, as “tempestades de aplausos”, enfim, o policialismo e a espetacularidade que ficamos conhecendo com o “fascio”. É pois no coração da URSS e mais no coração da ciência soviética, que foi se ocultar como um flagelado êsse resíduo parasita do patriarcalismo messiânico.

A Metafísica está nas fábricas. Eis a exata posição ideológica da URSS. E fora dos seus limites, assiste-se á um teimoso esforço para a revalidação das vencidas soluções do Patriarcado.

Não passa de um embuste a axiologia que reconduz o mundo a Deus, supremo Valor. Tôda a hierarquização que se tenta através da Filosofia dos Valores, constitui posição tomada e obedece ao surrado esquema das Idéias platônicas que têm como vértice o Bem. Surge de novo a escamoteação do problema do Mal que o dualismo mazdaísta da Pérsia, tinha levado ao seio das heresias gnósticas. Se a Grécia tivesse sido derrotada em Salamina, talvez fôsse diverso o destino ideológico do mundo.

O que se tenta pelas formas audazes ou dissimuladas da filosofia contemporânea, é restaurar através do Existencialismo, da axiologia, da fenomenologia e mesmo do marxismo-leninismo, o Ser como tal em seu trôno absolutista.

O Ser como tal, o grande impostor da velha Metafísica está no fundo da redução eidética de Hüsserl. Se não dermos à moderna fenomenologia o valor apenas metodológico que ela tem, estamos de volta a tôdas as formas de exaltação do conceito de Ser, de Parmenides. O que é apenas coordenada, momento estável de uma simples relação de movimento, passa a ser transfigurado em motor-imóvel. Em vez de se colocar simplesmente entre parêntesis o mundo fático para se trabalhar com a essência, transmuta-se esta em Ser necessário e

anterior, vindo-se a contribuir assim, para uma última reencarnação do Idealismo.

Como se vê, Husserl acaba reeditando a pedra angular de conservantismo assim enunciada pelo Cristo: “Não vim para derogar a lei e sim para confirmá-la”.

Eis como êle prossegue dando um fêcho de ouro às suas “Meditações Cartesianas”: “A fenomenologia não diz que pára diante das últimas questões, as mais altas”. “O Ser primeiro em si que serve de fundamento a tudo que há de objetivo no mundo, é a intersubjetividade transcendental, a totalidade das monadas que se unem nas formas diferentes de comunidade e de comunhão.”

O grande doutor da Igreja, Santo Agostinho, é afinal quem diz a última palavra das “Meditações” de Husserl, agora em defesa da intuição: “*In interiore hominem habitat veritas*”.

Como Joseph K., o personagem de “O Processo” de Kafka, estamos ante os esbirros matinais que querem nos reconduzir ao velho mito da Caverna platônica.

Deixemos, porém, a fenomenologia para ver de face o Existencialismo, na sua aparição ortodoxa de subjetividade pura.

O primeiro cuidado será situar a subjetividade, pois a subjetividade também carrega a sua história. Há uma subjetividade no Matriarcado, diversa da que aparece, com a fôrça de uma reivindicação fundamental nas primeiras horas da corrupção do regime paternalista, em Sören Kirkegaard.

O Existencialismo recolocou o homem na sua ansiedade ancestral. E isso basta. Tanto a equação Tempo e Ser, o estar para a morte, o naufrágio de Jaspers como a tensão de Sartre ante a Negatividade, tudo recoloca o homem no meridiano da devoração.

A psicanálise custou a compreender que era preciso atacar o Super ego paternalista. Durante muito tempo as soluções apresentadas pela escola de Freud não viram senão nos remédios negativos do Eu (recalque, regressão, anulação e isolamento) como nas formas masoquistas (volta contra si mesmo, transformação no contrário) a maneira de liquidar os conflitos internos do homem histórico.

Começou-se enfim a compreender que o Super ego também podia estar errado. Do mau acolhimento dado aos direitos do instinto submetidos que estavam às disposições disciplinares da Moral de Escravos, passou-se a uma fase psicoanalítica em

que se procurou legalizar o homem natural que resistia por meio de neuroses e estados de ficção, às injunções seculares do socratismo ocidental.

Chamamos estados de ficção aos distúrbios e alienações em que se entoca e desenvolve o Eu agredido pelo ambiente. Histeria, paranóia, delirios de ciúme e de religião, ausências, tudo passa a ser nas mãos do Eu poeta, do Eu romancista, do Eu moralista, desenvolvidos no trauma, temas da derivação da doença. Se recorrermos à História, veremos como êsses estados princeps, produzidos em geral nas personalidades fortes, promovem outros que chamaremos estados de espelho e daí a extensão de grupos contagiados e multidões passivas. Que é a cronica do Monaquismo oriental como ocidental, desde à ascese brâmane até o anacoretismo autoflagelador, ou os fartos refúgios do ócio que vieram a ser os conventos, que é a vida solpsista claustral e celibatária, senão um código de fenómenos de defesa nas abominações do Patriarcado?

Para que se tivesse uma perfeita discriminação dêsses males históricos que se podem curar com uma mudança de meio ou de atitude social — seria curioso recorrer ao exame dos possíveis pathos e fobias do Matriarcado através de documentário e folclore, como da exegese culta. Nenhum sentido por exemplo, teria num regime matriarcal o que os freudistas chamam de “complexo de castração”, pois nenhuma diminuição pessoal da mulher traria

a constatação dela possuir um sexo diverso do homem. Sòmente a idéia de domínio do irmão — invenção patriarcalista — poderia numa já complexa fase psíquica, trazer à criança, qualquer ligação do fenômeno doméstico de preponderância com o fato fálico. Seria necessário revisar Freud e seus epígonos despindo-os, em rigorosa psicanálise, dos resíduos vigentes da formação cristã-ocidental de que todos derivaram. A importância catastrófica atribuída a Don Juan, numa tribo poligâmica seria ridícula. Don Juan é uma criação do Patriarcado. Um forte organismo de agressão nos domínios do pecado contra a herança e a legitimidade. Tôdas as suas vítimas do periodo econômico-moral da Renascença e do Romantismo, seriam hoje, na América, vulgares divorciadas, usando é claro, métodos anti-concepcionais e solidões de arranha-céu.

Evidentemente o freudismo se ressentido dos resíduos de sua formação paternalista. Falta a Freud e a seus gloriosos sequazes, a dimensão Bachofen. Eles não viram que suas pesquisas se limitavam e sua interpretação se deformava, na pauta histórica do Patriarcado.

O padrão pedagógico do Ocidente, venha de Fenelon ou de Jean Jacques, dá sempre, em qualquer casa, em qualquer família constituída, a educação do príncipe.

Numa sociedade, onde a figura do pai se tenha substituído pela da sociedade, tudo tende a mudar. Desaparece a hostilidade contra o pai individual que trás em si a marca natural do arbítrio. No matriarcado é o senso do Super-Ego tribal que se instala na formação da adolescência.

Numa cultura matriarcal, o que se interiorisa no adolescente não é mais a figura hostil do pai-indivíduo, e sim, a imagem do grupo social.

Nessa confusão que o Patriarcado gerou, atribuindo ao padrasto — marido da mãe — o caráter de pai e senhor, é que se fixaram os complexos essenciais da castração e de Édipo.

Simone de Beauvoir, no “Deuxième Sexe”, êsse evangelho feminista que se coloca no pórtico da nova era matriarcal, escreveu: “Ce n’est pas la libido féminine qui divinise le père”. É na luta doméstica com a mãe e depois na luta com o ambiente, que cresce a divinização possível do pai como socorro, poder moderador e alento sentimental. Fenômeno do Patriarcado.

No estudo dedicado à Psicanálise, a grande escritora cita Freud perplexo no seu estudo sobre Moisés, ante a soberania do pai na história do Homem. Evidentemente, o criador da Psicanálise não deu atenção especial à Revolução do Patriarcado.

Percorremos assim em larga escala as posições atuais do Messianismo. Secularizado por Lutero.

êle foi vítima da ascensão da burguesia ocidental, na sua grande expressão teocêntrica — o Papado. Mesmo o protesto que mantinha prêso no Vaticano o sucessor de Pio IX, se desmanchou numa operação de contabilidade.

“Todo animal é um manequim indeformável de uma certa forma de honra”, disse Giraudoux. Eis o comêço da dignidade do erecto, que com dignidade aspira ao ócio. Cícero já reivindicava — “otium cum dignitate”.

O homem, o animal fideísta, o animal que crê e obedece, chegou ao têrmo do seu estado de Negatividade, às portas de ouro de uma nova idade do ócio. Nela não se propõe o problema da liberdade. Esta só existe como reivindicação, quando o homem passa a escravizar o próprio homem, a negar-se como Ser determinado por ela, a liberdade, isto é, no Patriarcado. Aí, ela é a consciência da necessidade. No vocabulário da servidão, ela é a humana tendência do retôrno ao justo que é o natural.

Schopenhauer disse que só na união de tôdas as vontades numa só vontade, pôde existir ética. É verdade. Fóra disso, há éticas de classe, desde Aristóteles. No mundo sem classes que se procura atingir, a ética e a equidade substituirão as deformações interessadas do Direito Positivo.

O inexplicável para críticos, sociólogos e historiadores, muitas vêzes decorre dêles ignorarem um sentimento que acompanha o homem em tôdas as idades e que chamamos de constante lúdica.

O homem é o animal que vive entre dois grandes brinquedos — o Amor onde ganha, a Morte onde perde. Por isso, inventou as artes plásticas, a poesia, a dança, a música, o teatro, o circo e enfim, o cinema.

Ainda uma vêz hoje se procura justificar politicamente as artes, dirigí-las, oprimí-las, fazê-las servirem uma causa ou uma razão de Estado. É inútil.

A arte livre, brinco e problema emotivo, ressurgerà sempre porque sua última motivação reside nos arcanos da alma lúdica.

No imenso combate contemporâneo, os Estados Unidos são acusados de dois crimes. A acumulação capitalista que, numa época avançada como a nossa é inexplicável, nas mãos de alguns privilegiados e o imperialismo, de cujas formas agrestes, na verdade se despojou. Mas, sem dúvida, é na América que está criado o clima do mundo lúdico e o clima do mundo técnico aberto para o futuro.

Á descristianização da vida, segue-se a descristianização da morte. Procura-se na América levar às últimas consequências a concepção estói-

ca do primitivo ante a morte, considerada ato de devoração pura, natural e necessário. Já existem as casas serenas para onde se conduz o extinto entre jardins floridos, absolutamente libertos da austeridade funerária do passado. Qualquer recém-vindo a uma cidade que pretenda habitar, recebe não só a caderneta do empório como a proposta de pagamento à prestações, de seu próprio entêrro. Todo o aparato horrífico da morte cristã, que prenunciava o terror do Juizo Final, tôda a plástica funerária do Cristianismo que entreabria as portas do inferno sob altares e tocheiros, desaparece ante o mundo lúdico que se anuncia.

Trata-se de procurar soluções paralelas ao primitivismo como na "A Revolução dos Gerentes", de James Burnham. A técnica trouxe, é claro, uma nova dimensão ao mundo em mudança.

Um filósofo como Karl Jaspers não compreende o que significa para a massa democrática que sobe, o esporte, o recordismo, a glória de Tarzan e a glamour — girl. Não compreende que o mundo do trabalho, graças à técnica e ao progresso humano, passa os encargos sociais para a máquina e procura realizar na terra, o ócio prometido pelas religiões no céu.

Uma filosofia do êxito contrapõe-se à filosofia do desespero, brotada do seio hamlético de Sören Kirkegaard. Esta não passa além das fronteiras da burguesia culta que, constatando a mediocri-

dade do quotidiano na sua frustração de classe, opina pela angústia como solução e pelo projeto como ideal.

A nossa tese afirma:

1.º) Que o mundo se divide na sua longa História em: Matriarcado e Patriarcado.

2.º) Que correspondendo a êsses hemisférios antagônicos existem: uma cultura antropofágica e uma cultura messiânica.

3.º) Que esta, dialéticamente está sendo substituída pela primeira, como síntese ou 3.º termo, acrescentada das conquistas técnicas.

4.º) Que um novo Matriarcado se anuncia com suas formas de expressão e realidade social que são: o filho de direito materno, a propriedade comum do solo e o Estado sem classes, ou a ausência de Estado.

5.º) Que a fase atual do progresso humano prenuncia o que Aristóteles procurava exprimir dizendo que, quando os fusos trabalhassem sozinhos, desapareceria o escravo.

6.) Que sob o aspeto dissimulado ou não da secularidade, a filosofia comprometida com Deus, nunca deixou de ser messiânica.

7.º) Que a URSS exprime um pequeno anseio da grande revolução do parentesco que se realiza

com o advento do novo Matriarcado. A sua revolução se concentra numa ênfase — a do setor da propriedade.

8.º) Que ao lado disso, a URSS levada pela mística da ação, perdeu o impulso dialético de seu movimento, enquistando-se numa dogmática obreirista que lembra, em síntese, a Reforma e a Contra-Reforma.

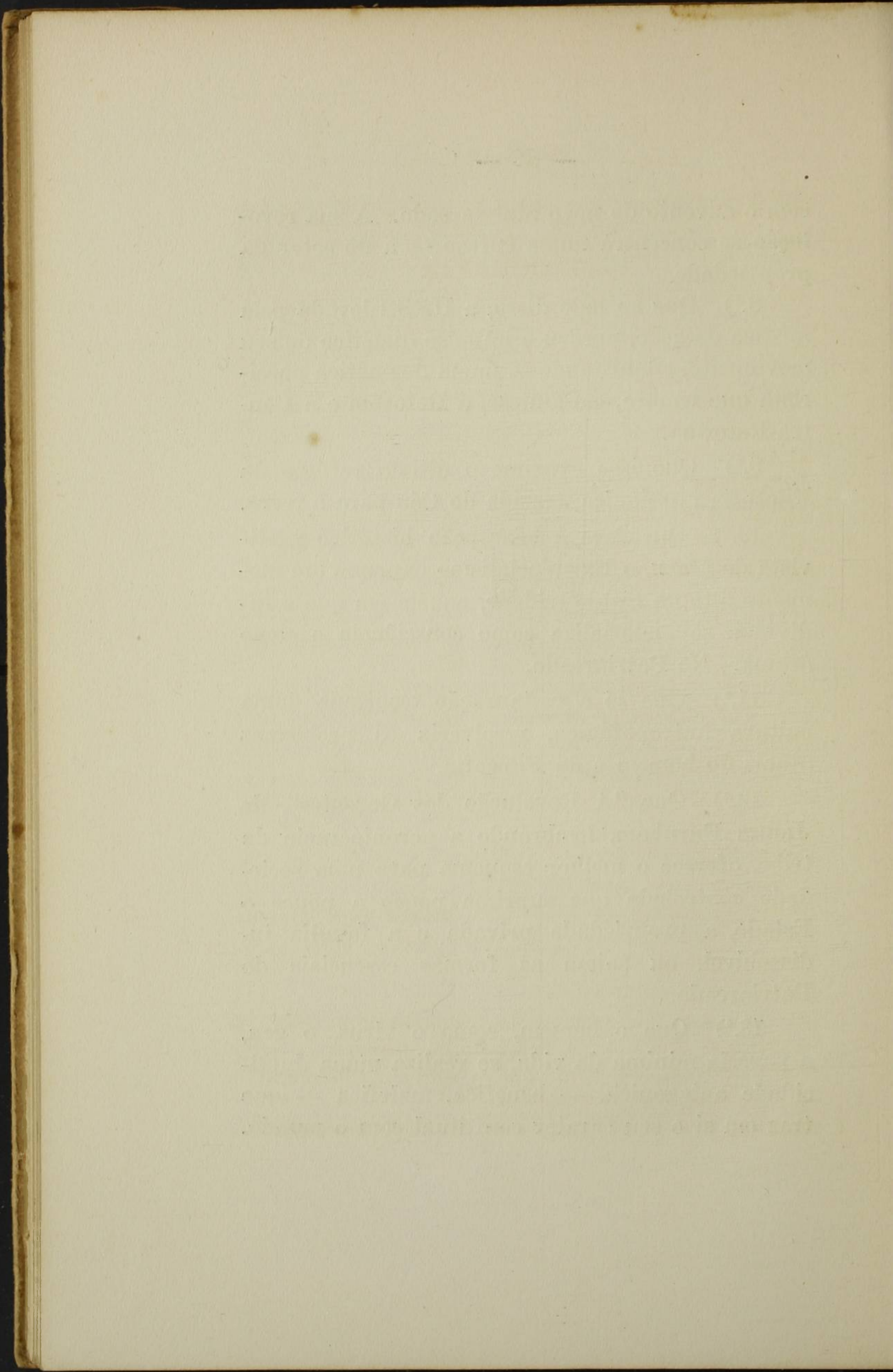
9.º) Que isso exprime o último refúgio da Filosofia messiânica, trazida do Céu para a terra.

10.º) Que face à concepção histórico-coletivista de Marx, o Existencialismo exprime um momento alto da Subjetividade, aquêle em que o indivíduo se historializa como consciência e como drama. No Patriarcado.

11.º) Que só a restauração tecnizada duma cultura antropofágica, resolveria os problemas atuais do homem e da Filosofia.

12.º) Que “A Revolução dos Gerentes”, de James Burnham, lembrando a gerontocracia da tribo, oferece o melhor esquema para uma sociedade controlada que suprima pouco a pouco o Estado, a propriedade privada e a família indissolúvel, ou sejam as formas essenciais do Patriarcado.

13.º) Que o homem, como o vírus, o gen, a parcela mínima da vida, se realiza numa duplicidade antagonica, — benéfica, maléfica — que traz em si o seu caráter conflitual com o mundo.



BIBLIOGRAFIA

A

- ABBAGNANO — “Esistenzialismo positivo” “Filosofia, Religione, Scienza” — “Introduzione all’Esistenzialismo”.
ALAIN — “Idées”
ARISTOTELES — Obras
ARAMBOURG, Camille — “La genèse de l’humanité”
ARGERTER, Emanuel — “Les hérésies du Moyen Age”
AZEVEDO FERNANDO — A cultura brasileira

B

- BECKER — A cidade de Deus do século XVIII
BENOIST, Charles — “L’état et l’Eglise”
BRÉHIER, Emile — “Histoire de la Philosophie”
BODENHEIMER, Edgard — “Teoria do Direito”
BOUTROUX, E. — “Nouvelles études d’Histoire de la Philosophie”
BOAS, Franz — “Questões fundamentais de Antropologia Cultural” — “Arte Primitiva”
BARDY, Gustave — “L’église et les derniers romains”
BACHELARD, Gaston — “La philosophie du non”
BRUNO, Giordano — Obras
BERGSON, Henri — Obras
BURNET, John — “L’aurore de la Philosophie grecque”
BURNHAM, James — “A Revolução dos Gerentes”
BACHOFEN, J. J. — “Du regne de la mère au Patriarcat”
“As mães e a virilidade olímpica”
BALDUS Herbert — “Ensaio de Etnologia Brasileira”

- BENDA, Julien — “Le bergsonisme ou une Philosophie de la Mobilité”
- BÖHME — “Mysterium Magnum”
- BRUNSCHVICG, Leon — “Les étapes de la Philosophie Mathématique” “Descartes et Pascal, lecteurs de Montaigne” “Les ages de l’intelligence”
- BERVELLIER, Michel — “A tradição religiosa na tragédia grega”
- BERDIAEFF, Nicolas — “Dialectique existentielle du divin et de l’humain” — “Essai de Metaphisique eschatologique”
- BRIFFAULT, Robert — “The Mothers”
- BASTIDE, Roger — “Les problèmes de la vie mystique”
- BEAUVOIR, Simone de — “Le Deuxième Sexe”
- BLAKE, William — “Primeiros livros proféticos”
- BRANDÃO DE AMORIM, Antonio — “Lendas em Nheêngatú”

C

- COMTE, Augusto — “Princípios de Filosofia Positiva” — “Catecismo positivista”
- CROCE, Benedetto — “Materialismo histórico e economia marxista” “A História como façanha da liberdade”
- CASTIGLIONI — “Encantamento e Magia”
- CÓDIGO HITITA
- CASSIRER, Ernst — “O mito do Estado” — “Antropologia Cultural” “Filosofia da Ilustração”
- COULANGES, Fustel de — “La cité antique”
- CHAINED, Joseph — RENE GROUSSET — “Litterature Religieuse”
- CHESTOV, Leon — “A Filosofia da tragédia” — “Sobre os confins da vida” — “O poder das chaves” — “Kir-

- kegaard e a Filosofia Existencial” — “As revelações da morte” — Atênas e Jerusalém — “Parmenides Encadeado”
- CHIODI, Pietro — “L’Esistenzialismo di Heidegger”
- CAMPBELL, Robert — “Jean Paul Sartre ou Une littérature philosophique”
- CZERNA, Renato — “Natureza e Espírito”
- CAUDWELL, Christopher — “A crise da Física”

D

- DAWSON, Christopher — “Assim se fez a Europa”
- DESCARTES — Obras
- DUBAL, Georges — “Psycaanalyse et Connaissance”
- DELORME, Jean — “Chronologie des Civilisations”
- DOLLOT, Louis — “Les grandes migrations humaines”
- DAVIE, Maurice R. — “La guerre dans les sociétés primitives”
- DE Lubac — “L’humanime athée”
- DUFRENNE, Mikel — PAUL RICOEUR — “Karl Jaspers et la Philosophie de l’existence”
- DEPLOIGE,, S. — “Le conflit de la Moral et de la Sociologie”
- DILTHEY, Wilhelm — “A essência da Filosofia” — “Teoria da concepção do mundo” — “Vida e Poesia” — “Leibnitz e a sua época” — “Introdução à ciência do espírito”
- DEONA, W. — “Du miracle grec au miracle chrétien”

E

- EPICURE — “Doctrines e Maximes”
- ENGELS, Frederich — Obras
- ECKART — “Tratados e Sermões”

F

- FERNANDES Florestan — “Organização social dos Tupi-
nambás”
- FESTUGIÉRE O. P., A. J. — “Socrate”
- FICHTE — “Primeira e segunda introdução à teoria da
ciência”
- FREYRE, Gilberto — “Casa Grande & Senzala” — “So-
ciologia”
- FAURÉ, J. Albert — “L’Egypte et les pré-socratiques”
- FRAZER, James Georges — “O Ramo de Ouro” — “O
Bode Expiatório” — “As origens da família e do clã”
- FROBENIUS, Leo — “A cultura como Sêr vivo” — “An-
tologia de contos africanos”
- FEUERBACH, Ludwig — “Princípios da Filosofia do
futuro”
- FRANK, Phillipp — “Entre a Física e a Filosofia”
- FREUD, Segismundo — Obras
- FROST, S. E. — “Textos sacros das velhas religiões”

G

- GILSON, Etienne — “Dieu et la Philosophie” — “L’esprit
de la philosophie medievale” — “Le Thomisme”
- GROETHUYSEN — “A consciência burguesa”
- GENTILE, Giovanni — “I Fondamenti della Filosofia del
Diritto”
- GOMPERS — ZELLER — “Aristoteles”
- GAOS, José — “Antologia Filosófica”
- GEYMONAT, L. — “La nuova filosofia della natura in
Germania”
- GOLDSCHMIDT, Victor — “A Religião de Platão”

GIDE, Charles e CHARLES RIST — “História das Doutrinas Econômicas”

H

HUGHES, Emmet John — “Ascensão e decadência da burguesia”

HUSSERL, Edmond — “Meditações Cartesianas”

HOUNT, Albert — “Courte histoire du Christianisme”

HARNACK, Adolf — “História do Dóγμα”

HUME, David — “Investigação sôbre o entendimento humano” “Tratado da natureza humana” -- “Diálogos sôbre religião natural” — “Investigação sôbre a Moral”

HEGEL — Obras

HOMERO — “Iliada” — “Odisseia”

HEIMSOETH, Heinz — “Os seis grandes temas da Metafísica ocidental”

HOFFDING, Harald — “História da Filosofia Moderna”

HUIZINGA, J. — “Homo Ludens”

HAVET, Jacques — “Kant et le problème du temps”

HALDANE, J. B. S. — “La philosophie marxiste et les sciences”

HESSEN, Johannes — “Filosofia dos Valores”

HEIDEGGER, Martin — “O que é a Metafísica”?

HARTMANN, Nicolai — “Les principes d’une Metaphisique da la Connaissance”

HAMELIN, Octave — “Le Système de Descartes” — “Le système d’Aristote”

HOLLANDA, Sergio Buarque de — “Raizes do Brasil”

HERSHOVITS, Melville J. — “Man and his works”

I

Il IV Centenário del Concilio di Trento (Conferências)

IBERICO, Mariano — “El sentimiento de la vida cósmica”

J

- JASPERS, Karl — “Minha Filosofia”
JOLIVET, Regis — “Les doctrines existentialistes de Kirkegaard a Jean Paul Sartre”
JANKÉLÉVITCH, Wladimir — “L’Alternative”
JUNG, C. C. — “L’homme et la découverte de son âme — “Realidade da alma” — “A psique e seus problemas atuais”
JAEGER, Werner — “Paidea” — “Aristoteles”
JAMES, William — “O Pragmatismo” — “A vontade de crêr”

K

- KANT, Emmanuel — Obras
KOJEVE, Alexandre — “A dialética e a idéia da morte em Hegel”
KELSEN, Hans — “A teoria pura do Direito” — “Direito e Paz” — “A idéia do Direito Natural e outros ensaios”
KAUTSKY, K — “O Cristianismo, sua origem e fundamentos”
KEYNES — “Teoria geral da ocupação, o interesse e o dinheiro”
KRISCHE, Paulo — “O enigma do Matriarcado”
KROPOTKIN, Pedro — “O apoio mútuo”
KIRKEGAARD, Sören — “O desespero humano” — “Conceito de angústia” — “Migalhas filosóficas” — “Etapas sôbre o caminho da vida” “O diário do Sedutôr” — “O banquete” — “A repetição” — “Vida e reino do amor” — “Medo e Temôr”
KÖHLER, Wolfgang — “Psicologia da Forma”
KOCH Grümberg — “Von Roroima Zum Orinoco”

L

- LEVINAS, Emmanuel — “En découvrant l’existence avec Husserl et Heidegger”
- LABRIOLA, Antonio — “Ensaio sôbre o materialismo histórico”
- LEMM Otto — “História de Psicologia”
- LARROYO, Francisco — “Historia da Filosofia na América do Norte”
- LEFEBVRE, Henri — “Critique de la vie quotidienne” — “Logique Formelle. Logique Dialectique” — “Nietzsche” — “L’Existencialisme”
- LEBRETON, J. — JACQUES ZEILLER — “Histoire de l’église”
- LACHELIER, Jules — “Psychologie et Methaphisique”
- LUTHERO, Martinho — “Propós de table” — “Les grands écrits reformateurs”
- LANGEVIN, Paulo — “Introdução à Relatividade”
- LINTON, Ralph — “O homem”
- LIMA FIGUEIREDO José — “Índios do Brasil”
- LEISERSON, Samson — “La Moneda”
- LUPASCO, Stephane — “L’expérience microphisique et la pensée humaine”. “Logique et Contradition”
- LE COEUR, Ch. — “Le rite et l’outil”
- LEVY-STRAUSS, Claude — “Les structures élémentaires de la parenté”
- LENINE — Obras

M

- MONTEL, Édouard — “Histoire de la Bible”
- MIOTTO, Antonio — “Psicologia del comportamento Sociale” — “Instinto e societá animale”
- MALINOWSKI, Bronislaw — “Estudos de psicologia primitiva”

- MARCEL, Gabriel — La Metaphisique de Royce” —
“Etre et Avoir” “L’Homme Viator”
- MEIRA PENNA, J. O. — “O Sonho de Sarumoto”
- MONNEROT, Jules — “Sociologie du Communisme”
- MARIAS, Julien — “O tema do Homem”
- MARX, Karl — Obras
- MANNHEIM — “Diagnóstico de nosso tempo” — “Liber-
berdade e Planificação” — “Ideologia e Utopia”
- MORENTE, Manuel Garcia — “Lições preliminares de Fi-
losofia” — “Ensaio”.
- MACHIAVEL — “O Príncipe”
- MILLER, Maurice — “De Descartes a Marcel Proust”
- MONTOYA — “A Conquista Espiritual”
- MONTAIGNE — “Essais”
- MAISH — POHLHAMMER — “Instituições gregas”
- MONTELS — MARCEL LAFFON — “Les étapes du Ca-
pitalisme”
- MULLER, Max — “História das Religiões”
- MULLER, Phillippe — “Da Psicologia á Antropologia”
- MAC IVER — R. M. — “O Estado”
- MONDOLFO, Rodolfo — “El pensamiento antiguo”
- MAUNIER, René — “Mélanges de sociologie Nord-Afri-
caine”
- MONDESERT, Claude — “Clément d’Alexandrie”
- MUMFORD, Lewis — “Técnica e Civilização” — “A cul-
tura das cidades”
- MENEZES, Djacir — “O problema da Realidade Objetiva”
- MORGAN, Lewis H. — “A sociedade primitiva”
- MERCIER-WULF-NYS — “Traité élémentaire de phi-
losophie.”

N

- NABERT, Jean — “Elements pour une ethique”
- NIETZSCHE, Frederic — Obras

NIMUENDAJÚ, Curt — “Lenda da Criação e Juízo Final do Mundo. Como Fundamento da Religião dos Apapokuva-Guarani”

O

ORTEGA Y GASSET, José — Obras

O'AVENEL, V. Georges — “Le nivellement des jouissances”

P

PFANDER, A — “Lógica”

PRZYLUSKI, Jean — “L'évolution humaine”

POLITZER, Georges — “Revolution et Contre-Revolution quau XX e siècle” — “Princípios elementares de Filosofia” “Crítica do fundamento da psicologia”

PIRENNE, Henri — “Historia Economica e Social da Idade Média”

PIRENNE, Jacques — “Grandes correntes da História”

PRZYWARA, Blich — “Santo Agostinho”

PLATÃO — Diálogos

PLOTINO — “Ennéades”

PASCAL — “Pensées” — “Lettres provinciales”

PARETO, Wilfredo — “Manual de Economia Política”

PINARD DE LA BOULAYE — “L'étude comparée des religions”

R

ROQUETE PINTO — “Rondonia”

Rencontres internationales de Genève

I — L'esprit eurpéen

II — Progres técnico e progres morale

REIK, Theodor — “O masoquismo no homem moderno”

RONDON — Candido — “Relatório”

RAMOS, Arthur — “Introdução à psicologia social”

- ROYCE, Josiah — “Filosofia da Fidelidade — “O espírito da Filosofia Moderna”
RIBEIRO, Joaquim — “Folklore”
RUGGIERO, Guido de — “La Filosofia Contemporanea”
ROHRACHER, H. — “Introdução à Caracteriologia”
RUSSEL, Bertrand — Obras

S

- SENNE, René Le — “Traité de Caracteriologie”
SAVONAROLA — “Ultima meditação”
SANTO AGOSTINHO — “Confissões”
SÃO THOMAZ DE AQUINO — Textos
SANTO INAGCIO DE LOYOLA — “Exercícios Espirituais”
SAN JUAN DE LA CRUZ — “Aforismas”
SPIX e Martius — “Viagem pelo Brasil”
SPINOSA — “Ética”
SCHMIDT — “A aurora da humanidade”
STALIN — Obras
SOLOVIEV, V. — “Crise da Filosofia Ocidental”
SILVA, Vicente Ferreira da — “Elementos de lógica matemática”
SOMBART, Werner — “O burguês”
SOMERHAUSEN, Luc — “L’Humanisme agissant de Karl Marx”
SEGAL, L. — “Estrutura e ritmo da Sociedade Humana”
SIMMEL, Jorge — “Sociologia” — “Filosofia da coqueteria” — “Problemas fundamentais da Filosofia”
SARTRE, Jean Paul — “L’Être et le Néant”
SOREL, Georges — “La ruine du monde antique” — “De Aristoteles a Marx” — “Reflexions sur la violence”
SCHADEN, Egon — “Ensaio etno-sociológico sobre a mitologia heroica de algumas tribos indígenas do Brasil”

- SCHELER, Max — “O lugar do homem no cósmos” — “O ressentimento na Moral” — “Natureza e formas de simpatia” — “Ética”
SPENGLER, Oswald — “A decadência do Ocidente” — “O homem e a tecnica.”

T

- TROISFONTAINES, Roger — “Le choix de Jean Paul Sartre”

V

- VIGNAUX, Paul — “La pensée du Moyen Age”
VANCOURT, R. “Marxisme et pensée chrétienne”
VOLTAIRE — Obras
VICO — “Ciencia Nuova”
VIALLE, Louis — “Le desir du néant”
VASSALO, Angel — “Elogio da Vigila”
VULLEMIN, Jules — “L'être et le travail”
VILLALTA, Blanco — “Antropofagia ritual americana”
VERBEKE, G. “L'evolution de la doctrine du pneuma”
VOLLARD, Evald — “O canibalismo”
VANDERVELDE, Emile — “Le Marxisme. A-t-il fait faillite?”

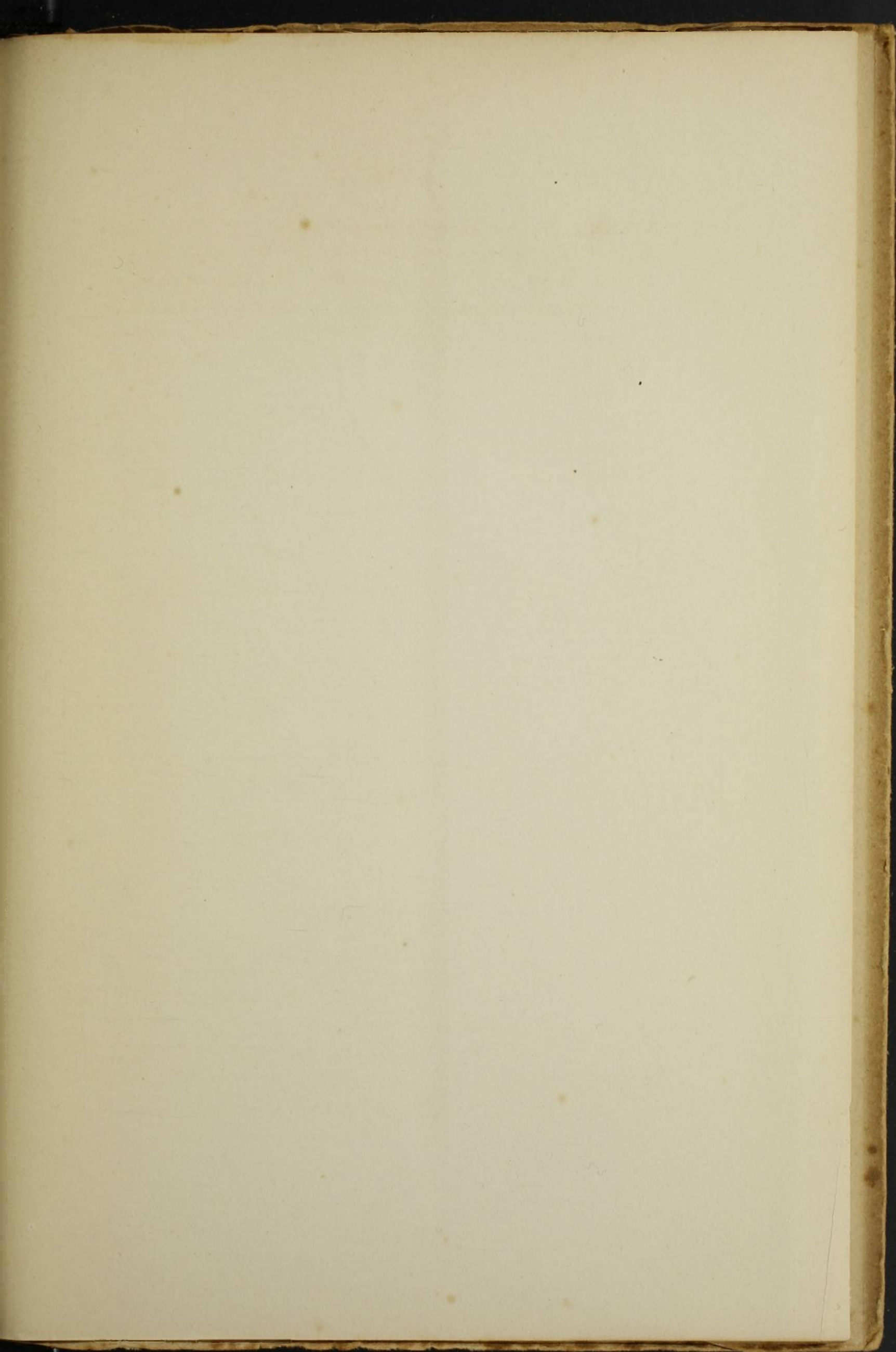
W

- WEBB, Sidney et Beatrice — “U.R.S.S., uma nova civilização”
WAGNER DE REYNA, Alberto — “La Ontologia fundamental de Heidegger”
WHITEHEAD, Alfred North — “Modos de Pensamento”
— “A ciência e o mundo moderno”

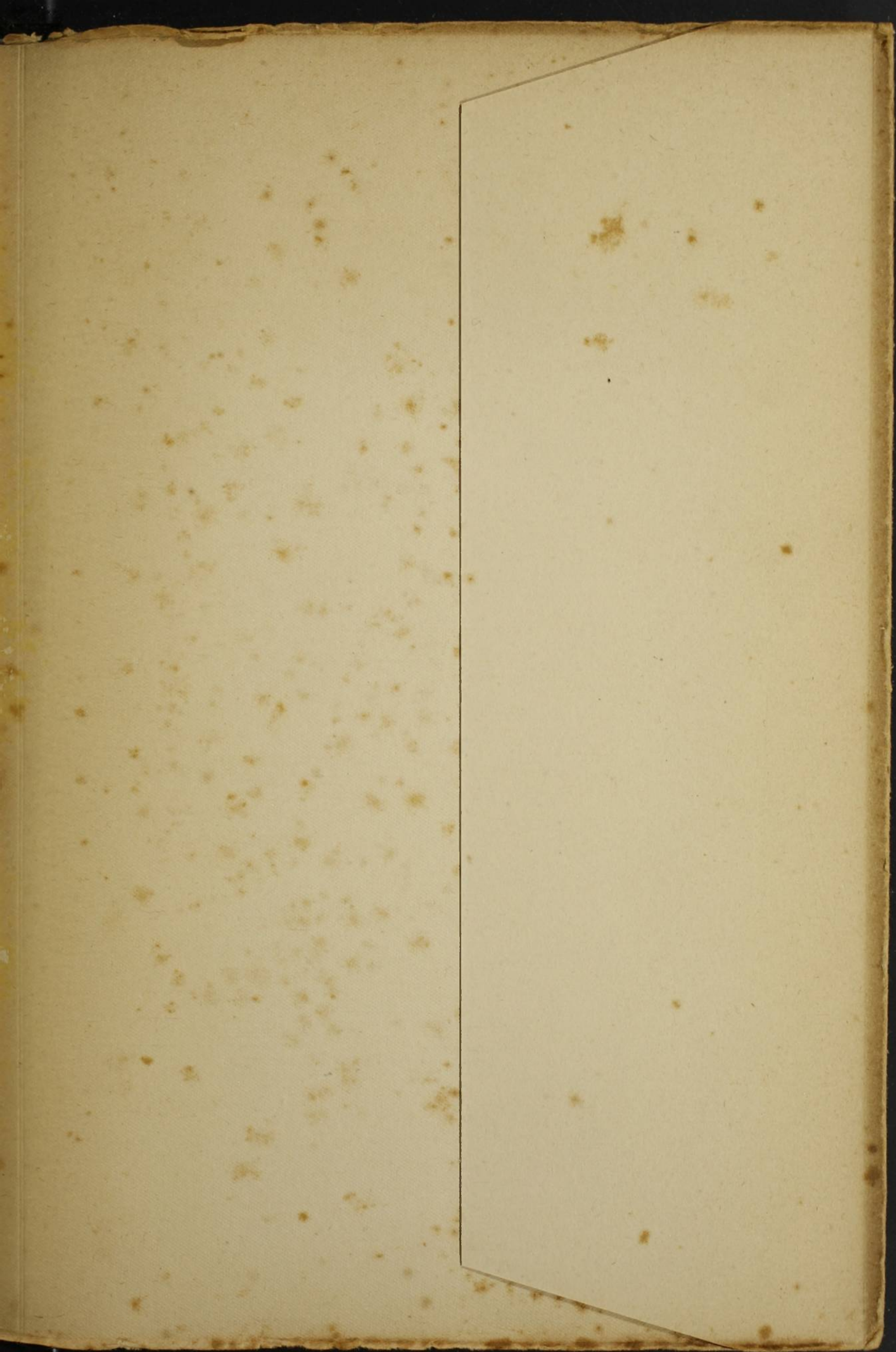
- WEBER, A. — “História da Cultura”
WACH, J. “Sociologia da Religião”
WAHL, Jean — “Petite histoire de l’Existencialisme” —
“Existence humaine et transcendance” — “Tableau de
la philosophie française”
WESTERMARCK, Edward — “L’origine et le developpe-
ment des idées morales”
WEBER, Max — “Historia economia geral” — “Economia
e Sociedade”
WEININGER, Otto — “Sexo e Caráter”

X

- XENOFONTE — “Recordações de Sócrates. Banquete.
Apologia”



38





★ Impresso na ★
EMPRESA GRAFICA DA
"REVISTA DOS TRIBUNAIS" LTDA.
★ São Paulo ★